



maçã
do amor



Meu Milagre Natalino Aconteceu na Área de Embarque	5
Teoria de Natal	17
Ela.Magia	31
All I Want for Christmas Is You	33
Os Quatro Natais	35
Anis-Estrelado	49
Receitas	56
Então É Natal	61

Editorial

Você consegue ouvir? Lá no fundo, em algum lugar, está tocando *All I want for Christmas* enquanto alguém está comentando como esse ano passou voando.

Dezembro chegou, e com ele toda aquela nostalgia de fim de ano que nos faz refletir sobre o que fizemos e quais são os planos para o ano seguinte. Mas antes de você se perder nessas reflexões, ou nas listas intermináveis de presentes, que tal se perder um pouquinho na magia do natal?

Luzes de Natal é a estrela no topo da árvore de qualquer leitor em busca de uma história para fazer seu coração ficar quentinho. Seja em busca dos ingredientes certos para receitas especiais, planejando o reencontro com toda família, esperando o relógio alcançar meia noite, ou até mesmo tentando fugir das tradições familiares, todos nós podemos concordar que a única coisa mais mágica que o Natal, é o amor.

Então ligue os pisca-piscas, pegue um pedaço de panetone e aproveitem essa edição que é o melhor presente para leitores, que assim como nós, amam essa época do ano!

Boas festas a todos, e boa leitura!

Ana Farias Ferrari



Meu Milagre Natalino Aconteceu na Área de Embarque



Paola Nichele é natural de Sombrio, pequena cidade no interior de Santa Catarina. Cria histórias desde criança, em brincadeiras de "faz de conta", e começou a colocá-las no papel a partir dos onze anos – chegou a terminar um romance, que nunca viu a luz do dia, mas que ainda assim a deixou orgulhosa de si mesma. Após dez anos afastada da escrita criativa, e imersa na escrita acadêmica, retomou o contato com seus mundos fantásticos durante um ano de pandemia, quando a realidade se tornou mais cruel do que o normal. Paola é graduada em Letras – Inglês, tem mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, e atualmente é doutoranda em Estudos Literários e Culturais em Inglês. Sempre sonhou em ser escritora, e então decidiu que sonhos podem se tornar realidade.

Eu só queria passar meu Natal em uma cabana no meio do nada e com o som da natureza ao meu redor. Um livro de romance no colo, uma — ou mais — garrafas de vinho e solidão. Ao invés disso, eu estou em Congonhas, no dia 23 de dezembro, com um voo atrasado e sem previsão de embarque, enquanto famílias inteiras conversam alto e correm de um lado para o outro.

Uma semana paga em um hotel fazenda, uma passagem comprada com quase um ano de antecedência e a esperança de um Natal em paz, sem familiares me perguntando sobre minha vida amorosa ou comentando sobre meu peso. Pelo menos, estou cercada de estranhos e não preciso conversar com ninguém.

Tiro meu romance da mochila, ajusto minha posição na cadeira da área de embarque e faço o possível para ficar confortável. Talvez eu não tenha a cabana e a solidão, mas ainda tenho meu livro. *Procure ver o lado positivo e não se deixe afetar*, penso comigo mesma. Seleciono uma playlist com música clássica — não porque entendo sobre música clássica, mas porque o instrumental me relaxa — e estou levando os fones ao meu ouvido quando noto movimento no assento ao lado.

A área de embarque está bastante cheia, então não me incomodo que alguém tenha sentado perto de mim. Dou de ombros, mentalmente, e posiciono os fones nos ouvidos. Até que meu vizinho de assento diz algo. Eu viro a cabeça levemente, porque não tenho certeza se ele está falando comigo, e espero, do fundo do meu coração, que não seja o caso.

— Diana? — ele pergunta, parecendo surpreso e incerto ao mesmo tempo.

Eu ouço claramente dessa vez, porque havia abaixado o volume da música enquanto me virava.

Engulo em seco. Minha boca abre, mas nenhum som sai dela. Decido balançar a cabeça afirmativamente, porque se eu não reagisse nos próximos segundos ele poderia achar que havia algo errado comigo.

E é claro que há algo errado comigo.

Algo *muito* errado, se mesmo depois de dez anos a presença dele ainda me deixa nervosa.

Marcos Rodrigues. Meu vizinho por quinze anos, até o dia em que saí da minha cidade para fazer faculdade. Meus pais se mudaram logo depois, então mesmo nas raras ocasiões em que eu os visitava, não corria o risco de encontrar com Marcos. Não que fosse exatamente um *risco*, mas toda vez que eu o via, não conseguia evitar agir estupidamente e desviar o olhar, como uma adolescente tímida. O que, agora que penso sobre o assunto, eu realmente era.

Marcos era mais velho, cerca de três anos; não circulávamos nos mesmos meios e mal nos víamos na escola. Ele tocava guitarra e tinha uma banda que ensaiava toda quarta-feira à tarde na garagem da casa dele. Eles tocavam Charlie Brown Jr., CPM22 e alguns clássicos nacionais e internacionais. O ensaio durava três horas, e, no final, ele e os amigos sentavam na escada na frente de casa e bebiam cerveja.

Eu era obcecada por ele. Pelo cabelo escuro, quase da mesma cor dos olhos. Pelo modo como ele às vezes saía de casa com o cabelo arrepiado e estilizado com gel, e outras vezes deixava de qualquer jeito, como se só tivesse corrido os dedos por ele. Pelo coturno preto, calças jeans que ficavam baixas na cintura e que deixavam um pedaço da barriga à mostra quando ele se espreguiçava; e as camisetas de banda sempre amassadas.

E agora ele está sentado do meu lado, com a cabeça levemente inclinada enquanto me olha e continua falando. Falando algo que eu demorei demais para processar, porque minha mente decidiu fazer uma viagem no túnel do tempo e regredir à adolescente com uma quedinha pelo vizinho.

Que clichê.

— Desculpa, pode repetir? — eu peço, porque embora os lábios deles estivessem se movendo há alguns segundos atrás, eu não tenho ideia do que saiu deles.

Ele sorri de leve, entretido pela minha falta de atenção.

— Marcos. — Ele aponta para si mesmo, como se eu não soubesse quem ele é. — Seu vizinho... Bom, ex-vizinho – ele se corrige.

Eu deixo meus olhos abrirem um pouco mais, balanço a cabeça devagar e finjo surpresa. Porque seria muito patético falar “claro que eu sei quem você é, eu era apaixonada por você”, então eu vou para o extremo oposto e decido fingir indiferença. Não sei exatamente o porquê.

— Marcos, claro! Uau, quanto tempo! — eu digo, sorrindo. Quando, na verdade, o que quero dizer é “como você continua tão atraente? Por que ainda me deixa nervosa?”.

— Dez anos — ele responde. E eu fico levemente surpresa por ele saber quanto tempo se passou desde a última vez que nos vimos, a última vez que corei ao perceber que ele havia notado os olhares que eu lançava em sua direção. Porque todas as nossas interações haviam sido assim. — O que você tem feito?

Nos últimos minutos? Percebi que talvez eu precise de terapia para conseguir superar minha paixão adolescente.

— Eu me formei em jornalismo há uns anos e tenho trabalhado na área. Como jornalista. Em um... jornal. Eletrônico. — As palavras saem da minha boca sem que meu cérebro as processe, cada frase, uma depois da outra, acrescentada sem necessidade.

Mas ele não parece achar estranho.

— Você sempre foi uma garota inteligente — ele comenta. — Sabia que você iria longe.

Mesmo? Como ele sabia que eu era inteligente? Talvez ele só esteja sendo simpático. Eu sorrio, um sorriso amarelo e sem graça, e trago meus olhos de volta para o livro. Para que ele saiba que tudo bem não continuar a conversa. Fomos cordiais, nos cumprimentamos, e agora podemos voltar a ser estranhos.

— Viajando para casa? — ele me pergunta, e eu volto minha atenção a ele. Como se ela tivesse estado em qualquer outro lugar desde o momento em que ele falou comigo.

Eu reajo com uma risada, que escapa sem minha permissão, e ele ri comigo, mesmo que com confusão em seus olhos.

— Foi uma pergunta idiota?

— A nossa cidade fica há duas horas daqui, Marcos. Eu não estaria no aeroporto.

Ele fecha os olhos brevemente, e quando olha para mim novamente, percebo que seu rosto está levemente corado.

— Foi uma pergunta idiota — ele responde a própria pergunta, e eu não o corrijo. — Eu não sei puxar assunto.

— E você, o que tem feito?

Ele ainda quer conversar comigo, o que fica comprovado com a pergunta sem sentido sobre a possível viagem para nossa cidade natal. E o modo como ele corou me deixou um pouco mais calma; eu não era a única com alguns problemas de comunicação na conversa.

Ele parece aliviado com a pergunta.

— Eu sou professor de música — Ele sorri. Meu coração dá pulinhos.

Uma parte de mim está estranhamente satisfeita de saber que, apesar de ele não se vestir mais como o adolescente que eu conheci — embora ainda esteja de preto, e uma rápida olhada aos seus pés me informem que ele usa um par de *Converse* —, ele manteve sua paixão por música.

— E se você não está indo para casa — ele vira na cadeira e está de frente pra mim —, vai passar o Natal com... outras pessoas importantes? — Ele hesita na última parte da frase, como se estivesse pensando na melhor forma de fazer a pergunta.

Eu franzo o cenho rapidamente, mas não me permito pensar muito nisso.

— O contrário disso — eu falo, rindo comigo mesma. — Meu objetivo é passar o Natal sozinha e isolada.

Ele levanta as sobrancelhas, surpreso, mas rapidamente relaxa o rosto e parece superar a informação.

— Interessante — ele fala, mais para ele mesmo do que pra mim. — Você sempre foi interessante. — De novo, tenho a impressão de que ele está pensando alto.

Sinto o calor subir para o meu rosto. Mas ele limpa a garganta, e continua, como se nada tivesse acontecido.

— Parece tentador — Marcos continua. — Eu tenho um amigo secreto me esperando na família do meu pai.

Eu sabia que o pai dele morava em outro estado. Lembro das férias de verão nas quais ele o visitava por dois meses, e meus dias perdiam a graça. Sem música ao vivo, sem olhares furtivos (da minha parte).

Uma voz anuncia o início de embarque para algum voo. Marcos olha em direção a um dos alto-falantes e, então, de volta pra mim.

— E esse é meu sinal. — Ele pega a mochila no assento a seu lado e coloca uma alça sobre o ombro, se preparando para levantar. — Que horas é seu voo?

Eu olho para a tela que mostra os próximos voos e suspiro.

— Eu também gostaria de saber. — Aponto para a tela que informa a lista de voos atrasados. E sem previsão de partida. O aeroporto da cidade mais próxima do meu destino teve sérios problemas por conta de uma tempestade que começara na noite passada.

Marcos, que há alguns segundos estava sentado na ponta do assento, pronto para levantar, volta a se reclinar na cadeira.

— Posso te fazer companhia por mais tempo.

Estou dividida entre surpresa e apreciação. Ele não precisava fazer

isso.

— Você não precisa... — eu começo a dizer, mas ele não me deixa terminar.

— Café? — ele pergunta, indicando um dos quiosques da área de embarque.

Eu concordo com a cabeça, porque café é sempre bem-vindo, ainda mais quando você tem horas para gastar em um aeroporto. Marcos pega a própria mochila e espera enquanto ajusto a alça da minha mala para poder puxá-la pelo saguão.

— Não tá preocupado em perder seu voo? — Eu olho para a fila do voo dele, já formada, e diminuindo aos poucos. Ele segue meu olhar, mas simplesmente dá de ombros.

— Nah.

E os próximos minutos foram divididos entre um friozinho na barriga que constantemente me lembrava de que eu estava tomando café e conversando com Marcos, que eu definitivamente não havia superado minha paixão adolescente e que, nesse momento, eu poderia ser a culpada por ele perder o voo. Não seria *de fato* minha culpa, pois Marcos é um adulto e sabe ver as horas, eu acho, mas eu me sentiria péssima. Esse reencontro inesperado estava saindo muito melhor do que eu poderia imaginar, e eu não queria encerrá-lo com algo ruim.

— Marcos — eu falo enquanto ele termina seu café —, eu aprecio a companhia e o café. — Levanto meu copo em um brinde. — Mas você precisa ir, seu voo já está terminando de embarcar.

Ele olha para a fila praticamente inexistente e franze o cenho, como se não estivesse feliz com o que via.

— Justo — ele diz em um suspiro.

Nos levantamos e deixamos o quiosque, Marcos indo em direção à fila, e eu voltando para o mesmo assento, que continua desocupado. Quando chegamos ao ponto em que precisamos nos separar para continuarmos nosso trajeto, Marcos para e me oferece sua mão.

— Foi bom te reencontrar, Diana.

Eu aperto sua mão de volta e respondo o mesmo, que foi bom reencontrá-lo, e desejo feliz Natal.

Ele parte, e eu estou novamente nas férias de verão, com dezesseis anos, querendo que ele fique. Mesmo que não seja por mim. Mesmo que tudo que eu tenha sejam migalhas e olhares de longe. Ou, no caso, café e conversa jogada fora. Curioso como algumas pessoas deixam marcas na sua vida. Tal-

vez porque, na verdade, eu mal o conheça. O Marcos pelo qual eu me apaixonei era uma idealização. Um garoto real, mas com quem eu mal tive uma conversa inteira. E, tudo bem, ele ainda me deixa nervosa, e sim, eu estava ansiosa por cada palavra que saía da boca dele, buscando a realidade da minha idealização. Mas eu não estava realmente “apaixonada”. Era impossível. Apenas uma resposta automática do meu corpo. Era sobre a lembrança. Não era real.

— Mais um café? — Ouço a voz do Marcos, a alguns centímetros de mim, e sinto sua presença, parado, em pé, na frente do meu assento.

As borboletas no estômago despertam, meu coração bate tão forte que eu acho que ele consegue ver o movimento na minha camiseta. E sinto alívio também. Porque ele voltou.

Droga.

Isso está ficando muito real.

Olho para o local onde, há alguns minutos, havia uma fila. A fila do voo dele. E agora está vazio, a comissária de bordo fechando a porta e encerrando o processo de embarque.

— O que houve? — eu pergunto, confusa e animada ao mesmo tempo. A porta fechou, ele não pode voltar, certo?

Ele coça a cabeça, embaraçado.

— Eu confundi o horário da ida com o horário da volta.

Marcos estende o celular em minha direção e me mostra uma passagem eletrônica. Horário de embarque: 19h30. Data: 28 de dezembro. Ele arrasta o dedo para o lado, e a outra passagem aparece. 23 de dezembro, 21h30.

Eu cubro minha boca com a mão, tentando disfarçar um sorriso.

Erro de iniciante, Marcos.

— Pode rir — ele diz.

Eu olho para cima e o encontro olhando pra mim, os olhos brilhando e segurando uma risada também.

— Desculpa — eu digo com pouca sinceridade, e ele percebe.

— Mas ei — Marcos corre a mão pelo cabelo, puxando os fios para trás. — Se você quiser voltar para o seu livro e ficar em paz, eu prometo não atrapalhar.

Ah, Marcos. Minha paz acabou no momento em que você chamou meu nome.

Eu olho para o livro que estava no meu colo novamente, e o devolvo para minha bolsa.

— Talvez devêssemos comer algo dessa vez — eu sugiro, e ele sorri e

balança a cabeça, concordando.

Alguns pães de queijo e sucos de laranja depois, Marcos e eu descobrimos termos muito gostos em comum. Em filmes, música (mas isso eu já sabia), valores... Ele me contou sobre a carreira como músico, a banda que nunca foi levada a sério, mas que era um ótimo hobby, o amor por lecionar. Eu falei sobre minha vida na “cidade grande”, tão diferente da cidade onde crescemos, e das matérias de jornalismo investigativo que eu adorava escrever. Descobri também que ele estava participando de um processo seletivo para dar aula em uma escola na mesma cidade em que eu moro atualmente. Informação essa que me causou mais alegria do que deveria, porque não faria diferença. Era uma cidade enorme, as chances de nos encontrarmos eram minúsculas, de qualquer forma. Não significava nada.

— A cidade tumultuada te deixou com saudade de um pouco de solidão? — ele me pergunta.

Eu não almejava a solidão em si, mas entre passar o Natal em uma cidade que nunca dorme e onde o barulho é constante, ou com pessoas que eu deveria amar acima de tudo, mas que me deixavam desconfortável, a solidão era a melhor opção.

— Algo assim.

Ele me encara por alguns segundos, como se esperasse que eu desenvolvesse a resposta. Quando eu permaneço calada, ele balança a cabeça, concordando em deixar pra lá.

— Sem presentes de Natal, então?

Eu suspiro e olho para uma das árvores de Natal do aeroporto, quase tocando o teto, decorada com adereços brancos e vermelhos e cercada por pisca-pisca. No chão, caixas de presente enormes — e obviamente falsas — cercam a árvore. Isopor triturado foi jogado em volta do local, em uma imitação de neve. Mais de 30° e eles insistem em manter essa farsa.

— A única parte ruim — eu respondo, sentindo meus ombros pesados. Eu realmente gostava de presentes.

Marcos se mantém em silêncio, e eu movo meu olhar da árvore para ele. Ele mantém uma mão segurando o queixo e franzindo, pensando.

— Marcos?

Ele levanta de repente, começa a andar, mas então, como se lembrasse da minha presença, ele diz sobre o ombro:

— Não sai daí, eu já volto.

Certo...

Eu peço um chá, que vem com um biscoito de glacê no formato de

um Papai Noel, e espero. Alguns minutos depois, Marcos está de volta, caminhando em minha direção com um sorriso no rosto e uma mão atrás do corpo. O cabelo longo o suficiente para ficar bagunçado com todas as vezes que ele passou os dedos entre ele, os passos confiantes, o *Converse* fazendo barulho no chão do aeroporto. Meu coração, saltitante, está incontrolável.

Marcos puxa a cadeira em frente a mim e senta novamente. Eu o olho, pontos de interrogação no meu rosto diante do comportamento estranho dele. Então, ele tira a mão de trás do corpo e estica em minha direção, segurando algo embrulhado em papel de presente.

— Pra mim? — eu pergunto, incrédula.

— É minha missão pessoal manter o espírito natalino — ele fala seriamente, e eu não consigo evitar o modo como meus lábios se curvam para cima, em um sorriso tímido.

A mão dele continua estendida sobre a mesa. Eu pego o embrulho que ele oferece, e enquanto abro o pacote, Marcos cruza as mãos em cima da mesa, me olhando com expectativa. Quando o pacote finalmente está desfeito, eu olho para o objeto em minhas mãos. Um livro. Mas não *qualquer* livro. Uma cópia de *Dom Casmurro*. Eu tinha a minha própria cópia em casa, toda rabiscada com anotações de cada leitura que eu havia feito se sobrepondo. A segunda cópia que eu comprara, depois que a primeira teve um encontro traumático com uma garrafa de água que Marcos carregava depois de uma aula de Educação Física. Na época, ficar cara a cara com ele era algo tão difícil que eu mal ouvi seu pedido de desculpas antes de sair correndo, com o rosto em chamas. A cópia com páginas manchadas de água estava até hoje na minha estante. Mas eu não imagino que Marcos se lembra dessa situação constrangedora (para mim), e sendo *Dom Casmurro* um clássico, é provável que seja apenas coincidência.

— Eu lembro de ver você carregando esse livro pra todo lugar na escola — ele comenta. — E, talvez você não lembre disso, mas a sua cópia foi meio danificada... — Marcos me dá um sorriso de lado, meio constrangido, e isso é o suficiente para que eu entenda que ele também se lembra daquele dia. — Você provavelmente já substituiu aquela cópia, mas espero que essa aqui te faça pensar em... — E ele para de falar, pensando em como completar a frase.

Eu tiro meus olhos, marejados, o que é constrangedor, do livro, e presto atenção nele. Ele está me olhando de volta. Nos meus olhos. E eu juro que eu não ouço nenhum som, se não o som da respiração dele. Eu não vejo nada além dele. No que você quer que eu pense quando eu olhe para essa cópia do meu livro favorito, Marcos?

— Eu acho que eu quero que você pense em mim — ele finaliza, bai-

xinho. Mas eu ouço claramente, como se ele estivesse falando diretamente no meu ouvido.

Engulo em seco, e me surpreendo quando, ao tentar falar, minha voz funciona. No mesmo tom da voz dele, baixinho, mas eu sei que ele consegue me ouvir.

— Por quê?

O começo de um sorriso se forma nos lábios dele, e umedeço meus lábios, ansiosa pela resposta.

— Porque eu nunca parei de pensar em você, Diana. — Ele corre as mãos pelo cabelo e, dessa vez, elas tremem levemente. — Eu achei que era uma coisa boba, coisa de adolescente, sabe?

Sei.

— Eu queria conversar com você na época, mas você mal olhava pra mim e... — Ele ri, nervoso. — Eu não te vejo há dez anos, e no momento que te encontro em um aeroporto me sinto um adolescente tentando conversar com a menina que eu gosto. — Ele havia desviado o olhar enquanto falava, mas agora ele o direciona a mim novamente. E eu balanço a cabeça para os lados, levemente. Porque é quase inacreditável.

— Marcos, eu mal olhava para você porque eu gostava de você.

Não parece uma boa explicação, mas é a verdade. Ele era mais velho, tocava guitarra, tinha amigos descolados e podia sair à noite. E eu não achava que ele podia retribuir o sentimento, porque eu era só... eu.

Como se estivesse prendendo a respiração por alguns segundos, Marcos expira, rindo consigo.

— Pra ser honesto, eu não acho que eu conseguiria falar com você, de qualquer forma. Você me intimidava um pouco. — Ele franze o nariz, como se estivesse com vergonha de admitir isso em voz alta.

— Intimidado por mim? — Eu rio.

— Diana, uma ótima aluna. — O tom dele é brincalhão, mas eu vejo a sinceridade nos olhos dele. — Querida por todos, e fazendo o coração de todo mundo acelerar. — Ele revira os olhos como se não gostasse dessa última parte, mas um sorriso acha os lábios dele. — Eu não era bom o suficiente.

Aos poucos, meus sentidos voltam ao normal, e agora os sons e as imagens no aeroporto começam a ser processados pelo meu cérebro. A tempo de ouvir o voo de Marcos, dessa vez o correto, sendo chamado. Anunciando o fechamento do portão em breve.

Nos levantamos ao mesmo tempo, devagar e contra vontade. O livro,

meu presente de Natal, está seguro em uma das minhas mãos, enquanto a outra segura a alça da minha mala. Marcos coloca a mochila nas costas. Sem falar nada, porque eu não sabia o que poderia ser dito nesses últimos minutos que pudesse fazer sentido, que pudesse dar um destino para esse caminho que havíamos criado; e eu o acompanho até o portão de embarque.

Paramos há poucos metros, enquanto os últimos passageiros entregam seus bilhetes para que a comissária possa confirmar e permitir a entrada. Marcos vira de frente para mim, e estou pronta para mais um aperto de mão e mais um adeus.

— Sobre passar o feriado sozinha... — ele começa a falar, e eu levanto a cabeça para poder olhá-lo nos olhos. — Serve para o feriado inteiro, ou você aceita companhia para o Ano Novo?

Eu sinto o sorriso se formando em meu rosto, e não tento pará-lo. Ele transmite exatamente o que eu sinto por dentro. É um reflexo das borboletas que, por algum motivo, agora estão calmas. Meu coração ainda bate forte, mas em um ritmo estável, não mais parecendo que vai saltar a qualquer momento.

— Eu adoraria.

Ele sorri, e uma das suas mãos se move em direção ao meu rosto, sobre minha bochecha. Eu fecho os olhos por alguns segundos, sentindo o toque dele. Rápido demais, ele retira a mão, e quando eu abro meus olhos e procuro pelos dele, ele parece inseguro.

— Muito cedo? — ele pergunta com um sorriso, mas parecendo hesitante.

Eu balanço minha cabeça para os lados.

— Mais de dez anos de espera foram o suficiente.

Na ponta dos pés, eu coloco meus braços em volta do pescoço dele e, sem precisar de nenhum outro sinal, Marcos segura minha cintura, aproximando nossos corpos, e abaixa o rosto em minha direção. Seus lábios tocam os meus, e já poderia ser Ano Novo, porque eu acho que escuto fogos de artifício.

Algum alto-falante começa a tocar “Noite Feliz”, e Marcos e eu rimos entre o beijo. Afastando apenas alguns centímetros, com as testas encostadas, ele sussurra:

— Muito feliz.

Dia 23 de dezembro, em um aeroporto lotado e com meu voo atrasado, eu reencontro minha paixão da adolescência e descubro que o sentimento era, e ainda é, correspondido. Sorte a minha, não é tarde demais. Quem diria que meu milagre natalino aconteceria em uma sala de embarque!



Teoria de Natal



Ana é uma millennial do interior de São Paulo e há 12 anos mora na capital. Cresceu suspirando com as comédias românticas da sessão da tarde e se deixando encantar por tudo que aquecesse seu coração. Sempre foi fascinada pelas palavras e encontrou, na leitura e na escrita, refúgios para fugir dos problemas, possibilidades de conhecer outras culturas e pontos de vista e, principalmente, ferramentas que a ajudam a entender como o mundo funciona e a colocar ordem em sua bagunça.

Sem as centenas de adolescentes amadurecendo pelos corredores, a escola ficava gigantesca e fria até sob o sol do fim da primavera. A caminho da quadra de esportes, Laura parou para ver o pinheiro artificial no canto do pátio. Viu seus reflexos distorcidos nas bolas coloridas, afofou um chumaço da espuma branca sintética. Pensou na viagem cancelada, na chance perdida de conhecer a neve e escapar do Natal. Fechou os olhos e punhos, expirou com força e voltou a andar.

Queria coragem para a programação desse sábado. Tinha sido convocada para ressuscitar os pisca-piscas que seriam usados na apresentação de Natal do segundo ano da Escola Estadual Maria Firmina, onde dava aulas de física havia cinco anos. Suspeitava estar sendo punida por ter feito a diretora perder uma ligação do governador, incentivando os alunos a usarem o celular dela numa experiência sobre blindagem eletrostática na última feira de ciências.

O professor de inglês, Thomas, esperava por ela no degrau mais baixo da arquibancada. Ajeitava algumas folhas de sulfite sobre os joelhos.

— Laura, bom dia! Como você está? — Ele a cumprimentou com sua pronúncia estrangeira. O sorriso abriu dois traços pequenos nas bochechas, por trás da barba curta. Preto e crespo, o cabelo também curto completava o contorno do rosto. Usava uma camiseta branca, destacando a tonalidade fria do marrom de sua pele.

— Estou ótima, Tom. Adoro levantar cedo para fazer trabalho de técnico de eletrônica. E você? — Ela sorriu sem mostrar os dentes, contraindo o rosto marrom acobreado. Tinha o cabelo preso num coque, para mostrar os brincos de folhas verdes que combinavam com a camisa laranja.

— Ótimo também. — Ele riu. — Olha, não foi ideia minha te chamar para isso, tá? — Levantou as mãos, estendidas, na frente do peito.

— Me desculpe. — As bochechas dela começaram a arder. — Fim de ano me deixa estressada.

— Muita coisa acumulada para resolver?

— Mais ou menos. Bom, me conta o que você pensou e eu vejo o que dá para fazer.

Ele mostrou a caixa com os pisca-piscas antigos, entregou os papéis com esboços do cenário e indicou onde tinha feito as anotações. Tinha descrito combinações de cores diferentes para iluminar as cenas dos Natais Passado, Presente e Futuro, e da vida real de Scrooge.

A escola apresentava, todo 23 de dezembro, um Auto de Natal. Era o início da arrecadação para a formatura da próxima turma do terceiro ano. Desta vez, Thomas se oferecera para produzir uma montagem de “Um Conto de Natal”. Ele, assim como Charles Dickens, nascera na Inglaterra. Filho de pai brasileiro e mãe inglesa, viera a São Paulo para um intercâmbio, uma década atrás, e decidira ficar. Tinha se juntado ao corpo docente da Maria Firmina no início daquele ano e Laura mal o conhecia, já que frequentavam a sala dos professores em dias e horários diferentes.

Comparando os esboços e o tamanho da caixa, Laura percebeu que teria um volume grande de um trabalho pouco complexo. Se fosse rápida, em três dias estaria livre da criatividade do colega.

Na ponta oposta da arquibancada, Thomas recebia os alunos que chegavam para o ensaio. Quatorze adolescentes falando alto e se empurrando encheram a quadra. Cumprimentavam Laura à distância, com um aceno ou grito, e tornavam a interagir entre si. Uma das garotas, a última a aparecer, largou o braço da melhor amiga e aproximou-se da professora. Era uma versão mais nova de Laura: o mesmo nariz redondo, o mesmo formato dos lábios, a mesma curvatura de cachos, tudo empacotado numa camiseta com uma estampa de pug e um short jeans.

— O que você está fazendo aqui, Lolô?

— Oi, Sofia! Vim olhar os pisca-piscas da escola, o Tom vai usar no cenário. — Laura sorria para a sobrinha. Tinham quinze anos de diferença de idade e bastante intimidade.

— Lolô, se você for ficar aqui... — Sofia colocou uma mão na nuca. — Não me envergonhe, estou perto de conquistar meu rolo, tá?

— Fica tranquila, não vou te envergonhar. — Laura riu. Seguiu o olhar da menina e viu Alice, a amiga, conversando com Lucas, um garoto que vivia de fones de ouvido. — Mas se quiser uma ajuda, conta comigo.

Ela torceu o rosto, tentando piscar o olho esquerdo. Sofia, balançando a cabeça, afastou-se sem dizer mais nada e foi para o outro lado da quadra, onde Thomas posicionava os alunos para começar o ensaio.

Puxando o pisca-pisca mais aparente do emaranhado da caixa, Laura

ligou alguns pensamentos. Faltavam treze dias para a apresentação, quinze para o Natal. Sofia estava apaixonada e, na família delas, todo relacionamento que começava nessa época do ano dava certo. Sendo a exceção à regra, Laura poderia ser o cupido ideal para a sobrinha, sem distrações. Ela sorriu, torcendo um fio com as pontas dos dedos. Não passaria o fim de ano na Rússia, mas ainda poderia se divertir.



— Chá quente nesse calor? Sério? — Laura perguntou. Thomas se sentava ao seu lado no refeitório dos alunos.

— É o único jeito de trazer minha alma de volta ao corpo depois de hoje. — Ele passara a maior parte das últimas duas horas repetindo as mesmas três cenas até Lucas, o Scrooge da peça, responder ao “Feliz Natal” dos outros personagens com um “feliz para quem?”, e não “para você também”.

Com o fim das aulas regulares, a escola ficava aberta para a entrega de trabalhos de recuperação, reuniões e conselhos de classe. Thomas agendara os últimos ensaios nas suas tardes livres e Laura arranjara seus compromissos em torno disso. O elenco treinava as falas na quadra e ela cuidava dos cordões de luzes no refeitório, vendo tudo pelas portas abertas.

Trocar lâmpadas, remendar fios e checar conexões de circuitos eram tarefas simples e repetitivas, como ela imaginara, mas não infinitas. O romance da sobrinha não dava sinais de que deslancharia em três dias, então Laura decidiu trabalhar devagar e atrasar a entrega o quanto pudesse. Esse fora o quarto encontro de que participara e, enfim, tinha conseguido deixar Sofia e Lucas sozinhos. Convencera Thomas a pedir para os dois comprarem, depois do ensaio, materiais para o cenário.

— Só existe uma temperatura certa para a bebida perfeita, não importa a estação. — Thomas continuou, depois de um gole demorado da xícara soltando fumaça. — Você bebe caipirinha quente no inverno?

— Claro que não, não faz sentido. — Ela riu e parafusou uma placa de controle de pisca-piscas.

— Exatamente o que penso sobre o chá gelado — ele concluiu, sorrindo.

Laura procurava um argumento a favor do chá gelado quando Sofia explodiu correndo entre as mesas, vermelha e risonha, largando Lucas parado na porta. A menina entregou sacola e troco e saiu na mesma velocidade. Levaram uma hora para comprar três cartolinas na papelaria a duzentos metros da escola, o dobro do esperado. De rosto virado para esconder o sorriso e

batucando os dedos na mesa, Laura comemorou.

Para os ensaios seguintes ela aperfeiçoou a estratégia. Tirou do armário cola quente, fita isolante e estilete e os guardou numa caixa na cozinha. Na falta de materiais para consertar os pisca-piscas, não dependeria de Thomas para pedir outros favores ao futuro casal. Mesmo assim, ele a acompanhava até os adolescentes voltarem.

— Você prefere o cardápio de Natal brasileiro ou inglês? — Laura perguntou, no terceiro dia do plano, empurrando para o lado a caixa com peru de isopor, figurino e outros objetos do cenário. Testou um fio com luzes vermelhas na tomada. Não piscava.

— Prefiro a ceia daqui, mas servida no horário em que se come lá — ele respondeu, procurando lâmpadas vermelhas perdidas entre as amarelas, atendendo a um pedido dela.

— Almoço do dia 25? Não, o almoço do dia 25 é o enterro dos ossos.

— Peru, farofa, tender, salpicão, cuscuz, rabanada, panetone, pavê... Não é muita coisa para comer tão tarde?

— Ah, é só uma vez por ano e ninguém dorme cedo, de qualquer jeito. — Ela ligou o pisca-pisca em outra tomada. Nada. — Quais os seus planos para este Natal?

— Vou passar com uns amigos. E você?

— Ah, eu vou pular este Natal. Provavelmente vou maratonar alguma série até o dia 26 amanhecer.

— Pular o Natal? Mas você gosta tanto de peru à meia-noite. — Ele continuou separando as lâmpadas por cor.

— Como é que você me fala essas coisas sem rir, hein? — Laura riu e jogou um pedaço amassado de fita isolante nele.

— É parte da graça. E você entende meu humor, não? — Sorriu para ela. — Mas, por que pular o Natal?

— Bom... — Ela abanou a cabeça. — Quero evitar algumas tradições da minha família. Por isso ia para São Petersburgo.

— E o que deu errado?

— Eu ia ficar na casa de uma amiga. Aí o namorado dela, de Moscou, resolveu tirar férias no período que eu passaria lá. Eu não tinha dinheiro para hospedagem e, principalmente, não falo russo. Achei melhor cancelar.

— E não tem Natal em São Petersburgo?

— Eles celebram em janeiro, depois do Dia de Reis. Eu passaria o 25 de dezembro lá e voltaria depois do réveillon. E pensar que, numa hora dessas, eu estaria, sei lá, tomando sopa de beterraba.

— Pelo menos você teve a fantástica oportunidade de cortar seu dedo com um caco de pisca-pisca! — Ele indicou com os olhos o curativo no polegar direito dela.

— Pois é, imperdível! — Laura riu e puxou a caixa de lâmpadas amarelas para o meio da mesa.

Sofia e Lucas voltaram duas horas depois de terem saído. Os garotos demoravam mais a cada nova encomenda e Laura não compreendia como tanto tempo se espremia, dentro do refeitório, numa sensação de quinze minutos.



Na véspera da apresentação, enquanto Thomas orientava os alunos a pendurar os pisca-piscas no palco montado na quadra, Laura ensinava Alice, a contrarregista da produção, a manusear a mesa de luz improvisada com extensões de tomada. Pronta a estrutura, testaram cinco vezes as trocas de iluminação.

— E aí, Tom, era o que você queria? — Laura perguntou, enroscando o colar entre os dedos.

— Ficou incrível, Laura! — Thomas disse, o sorriso espalhado no rosto inteiro.

— Ficou, né? — ela respondeu. Estufou o peito e colocou as mãos na cintura, contemplando as luzes piscantes.

— Acho que formamos um bom time. — Ele passou a mão pelo cabelo e a olhou. — Eu sei que você tinha programado um dezembro diferente, mas adorei trabalhar com você. Seria legal se fizessemos alguma coisa juntos de novo.

— Claro, vamos ver isso. — Ela correu os olhos pela quadra, lembrando-se do seu principal objetivo com esse projeto, e achou a sobrinha perto da mesa de luz. — Mas seria bom termos mais uma extensão, por precaução. Vou pedir para a Sofia e o Lucas...

— Laura. — Ele a interrompeu, agitou a cabeça e cruzou os braços. — Eu percebi o que você está fazendo. Eles já tiveram tempo para se acertar. Vamos liberar todo mundo, vai chover.

Ela levantou os ombros até as orelhas e sorriu mostrando os dentes apertados. Não iria se defender.

Dispensados os alunos, os dois subiram para o estacionamento dos professores.

— Tom — Laura chamou, sentindo uma gota de chuva —, deixa sua

bicicleta aí, já começou a chover. Eu te deixo em casa.

— Tem certeza? Não vou te atrapalhar?

— Não, vem logo.

Ele deixou a bicicleta sob a marquise, fechou o cadeado e esperou Laura jogar os livros, apostilas e casacos no banco de trás.

— Olha só. — Apontou para a parte mais baixa do terreno da escola.

— Dá para ver o palco daqui.

Ela se esticou no banco, tentando alcançar a vista.

— É? Não consigo ver daqui. Pronto, vem e já coloca seu endereço no GPS, por favor.

Ele entrou e bateu a porta.

— Qual deles pediu sua ajuda? — ele perguntou, colocando o celular no compartimento em frente ao câmbio

— Sofia estava interessada nele, resolvi ajudar. Natal é a temporada do amor na minha família. — Ela deu a partida no carro e saiu.

— Como assim?

— Minha avó, minha mãe e minha irmã conheceram os maridos e se casaram perto do Natal. Todos bons relacionamentos, sabe, com problemas, diálogo, carinho, risadas. Quis dar um empurrãozinho para a Sofia.

— E você? Também ganhou o príncipe encantado de presente de Natal?

Laura riu.

— Só sapos. O penúltimo esqueceu de me contar que era casado, o último estourou o limite do meu cartão e desapareceu. Ainda tenho pesadelos com os juros que paguei até quitar a dívida — respondeu, mudando a marcha.

— Que droga. Por isso queria pular o Natal?

— Exatamente. O Natal só me traz azar no amor. Acho que joguei pedra no trenó do Papai Noel.

— Então acho que também já fiz isso.

— É? Por quê?

— Eu tinha uns vinte anos. Convidei a namorada para passar o Natal com a minha família. Estava apaixonadíssimo. Mas, depois da sobremesa, encontrei ela e meu irmão mais velho se agarrando no quintal. Vinho demais, sabe como é. — ele contou, rindo. — Depois disso eu vim estudar no Brasil, em seis meses de clima tropical já estava pronto para outra.

— Nossa, Tom, sinto muito. Mas pelo visto você não guardou mágoa do Natal, né, até se ofereceu para tocar a peça.

— Não, já passou. Só guardei mágoa do meu irmão.

Laura parou num farol vermelho e olhou para ele. Estava sério, mas ela entendeu, pelas sobrancelhas levemente levantadas, que devia rir do comentário.

— E a peça, na verdade, foi uma aposta que fiz com o Carlos — ele disse, voltando a rir. — Se ninguém dormir na plateia, ganho uma garrafa de *whisky*.

— Por que resolveu adaptar “Um Conto de Natal”, então, e não pegou um roteiro pronto?

— Ele achou mais interessante — respondeu. Carlos era o professor de educação física, apaixonado por loteria e criptomoedas.

— Cuidado com os esquemas dele, hein? — Laura provocou.

A chuva engrossou a seis quadras do prédio de Thomas. Chegando ao endereço, Laura parou na única vaga disponível, do outro lado da rua.

— Tom, sua rua alaga? — perguntou, olhando as nuvens cinzas no céu e tentando contar os segundos entre os trovões e os relâmpagos.

— Não. Mas eu atravesso na chuva mesmo, já estou em casa. — Ele soltou o cinto e destravou a porta.

— Não! — Laura segurou o braço dele. Mais um clarão e estrondo, ela apertou os olhos e endureceu o corpo. — Os raios estão caindo muito perto, é perigoso.

— Você está com medo?

Ela o soltou e colocou as mãos nas coxas, alisando o jeans.

— Bom, eu já expliquei muitas vezes porque é seguro ficar num carro durante uma tempestade, mas as aulas são mais... silenciosas.

— Ah, é? — Ele travou a porta de novo e virou o corpo de frente para ela. — Você pode me explicar?

Laura também soltou o cinto, sentou-se de lado no banco e, depois de confirmar três vezes se ele queria mesmo a explicação, começou a desenvolver o conceito da Gaiola de Faraday. Dividia a atenção entre os gestos das mãos, a ferramenta pedagógica disponível, e o rosto de Thomas.

— Então, quando um raio atinge o carro, a descarga elétrica se distribui pela estrutura metálica externa, que é um condutor elétrico, e o interior permanece isolado — ela disse, encostando as pontas dos dedos das duas mãos, formando sua pequena gaiola. — É por isso que se um raio cair no carro, agora, não vamos morrer. — ela concluiu.

— Entendi.

— Ah, e tem mais! Também funciona com o campo elétrico das ondas de rádio. Os celulares enviam sinais por essas ondas, então você pode isolar

um aparelho se embalar bem com papel alumínio, por exemplo. Mas é melhor se certificar de que ninguém está esperando uma ligação importante antes de fazer isso.

— Laura, é impressionante, você é tão talentosa dando aulas de física quanto consertando luzes de Natal.

— Sou uma mulher de muitos talentos. — Ela respondeu, ajustando a lapela de um blazer imaginário.

— Claro que é.

— Ah, e obrigada por ficar comigo e tentar me acalmar.

— Sem problemas. — Thomas sorriu, suave.

Ficaram quietos, ouvindo o barulho forte dos pingos na lataria do carro.

— Sabe qual é o maior defeito do Natal brasileiro? — ele perguntou.

— Qual?

— Vocês não usam *mistletoe*, o visco, aqui. Se eu quisesse muito te beijar, não teria nenhuma decoração para quebrar o gelo.

Beijá-lo seria arriscado, Laura sabia. Mas se atreveu a encontrar seu olhar e permitiu que a mão dele tocasse seu pescoço. O coração diminuiu o espaço entre as batidas. Ela suspirou num sorriso e fechou os olhos, lidaria com as consequências depois. Bocas e corpos se encostaram, conhecendo-se com calma.

Permaneceram ali até todos os vidros ficarem embaçados e perceberem que a chuva tinha passado.



As cadeiras de plástico enfileiradas na quadra estavam quase todas ocupadas. Laura atravessou o corredor do meio e passou para a parte de trás do palco, entrou no banheiro feminino transformado em camarim. Segurava uma tiara, pedido de Sofia para completar o figurino.

Entre alunas se maquiando, trocando de roupa e digitando no celular, ela reconheceu o tênis para fora da última cabine. Correu para alcançá-la e parou uma porta antes. Tinha se deparado com o final de um beijo entre a sobrinha e Alice.

— Lolô, você salvou a minha vida! — Sofia se aproximou e pegou a tiara. — Tudo bem com você?

Laura ficou em silêncio, olhos arregalados.

— Sofia — ela sussurrou —, e o Lucas? Não era dele que você gostava?

— Não! Sempre foi da Alice. Algum problema? — Sofia levantou uma

sobrancelha.

— Não, eu só... Se vocês não estavam ficando, por que demoravam tanto na papelaria?

— Para deixar você e o Tom a sós.

— Quê?

— Cansei de te ver insistindo em relacionamentos bizarros só porque começaram no final do ano, Lolô. O Tom é legal, tem um sotaque fofo. E ficava tão feliz quando você aparecia nos ensaios. — Sofia apertou as próprias bochechas, sorrindo. — Quis dar uma força. E aí, rolou?

— Sofia, nada disso é da sua conta. Termina de se arrumar, tá? Depois a gente conversa.

Laura deixou o banheiro confusa, rosto corado. Desviou-se dos alunos que circulavam por trás do palco e entrou no corredor na lateral da quadra, caminho para o pátio dos fundos. Encostou-se no muro para respirar, desconfortável com a intromissão de Sofia em seus assuntos pessoais.

— Ei, Laura! — Thomas surgiu na entrada do corredor. — Tudo bem?

Ele a abraçou pela cintura, beijou sua bochecha. Vestia uma camisa social salmão por dentro da calça, as mangas compridas dobradas na altura dos cotovelos.

— Tudo sim, e você? — ela respondeu, ajustando as alças largas do vestido azul e firmando os saltos no chão. A determinação desafiada pelo perfume fresco e o atrito da barba dele.

— Nervoso com a peça. Vamos jantar quando acabar por aqui? Descubri um restaurante russo, podemos fingir que não é quase Natal — sugeriu, animado.

— Tom, ontem foi muito legal, mesmo. — Ela afagou o ombro dele e abriu um sorriso de desculpas. — Mas é melhor que fique por isso mesmo.

— É porque trabalhamos juntos?

— Não é isso. É que, eu te falei. O Natal é mau agouro para mim.

— Laura, fala sério. — Ele colocou as mãos nos bolsos, os lábios grossos curvados num sorriso. — Você é uma mulher da ciência, acredita mesmo nisso?

— Uma mulher da ciência cansada de quebrar a cara com sapo disfarçado de príncipe do Natal, Tom. — Ela encolheu os ombros.

Sem ação, ele a olhou intrigado, como se esperasse uma resposta diferente.

— Professor! — A voz alta de Sofia, aparecendo por trás de Thomas, chamou a atenção dos dois. — Cinco para as oito! A diretora disse para come-

çar no horário, já chegou quase todo mundo!

Ele hesitou, olhou para as duas e acenou para Laura.

— Nos falamos depois?

— Claro — ela respondeu.

Sofia deixou Thomas se afastar.

— Lolô. — Ela falou, firme, ajeitando a tiara na cabeça. — Coisas boas podem acontecer no Natal. Até para você, tá? Não espera os fantasmas do Scrooge aparecerem para enxergar isso.

— Você estava ouvindo nossa conversa, Sofia?

— Só o suficiente. — Piscou um olho para Laura e saiu também.



A plateia relevou as falas esquecidas e a entrada fora de hora de dois personagens. Da última fileira, Laura ouviu duas mães de alunos elogiarem o cenário e os pisca-piscas e um pai comemorar o enredo mais interessante, com fantasmas. Perto das cenas finais, ela se levantou e deixou a quadra, subiu as escadas e rampas até o estacionamento ainda ocupado só por carros. Não queria reencontrar Thomas e correr o risco de mudar de ideia.

Abriu a porta do carro e ouviu passos no cascalho.

— Laura. — Tom cruzava a entrada de pedestres. — Podemos conversar? Coisa rápida.

— Podemos sim. — Fechou a porta e aguardou ele se aproximar. — Mas você não tinha que estar lá embaixo?

— Eles conseguem terminar sozinhos. Vi você saindo e não queria sair de férias sem me desculpar por pegar no seu pé com aquela história de mulher da ciência. Você não precisa me explicar porque não quer sair comigo.

— Não precisa se desculpar, Tom. — Ela passou as mãos no rosto, frustrada. Se não tivesse inventado de interferir na vida amorosa da sobrinha, não estaria nessa situação. — Seria tudo tão mais fácil se você não fosse a armadilha perfeita.

— Do que você está falando?

— Eu estava vivendo minha vida. De repente, começo a cuidar de um projeto de Natal com um colega de trabalho interessante, atraente, bem-humorado. Inglês, ainda por cima. Nos damos bem, rola um clima, uns beijos muito bons... Parece até coisa de filme natalino brega! — Os dois riram juntos, os rostos negros mal iluminados pelos holofotes amarelos do estacionamento. — Espera, isso foi outra aposta com o Carlos?

— Não, claro que não! E, oficialmente, sou tão brasileiro quanto você. Mas se você acha tudo isso de mim, por que levei esse fora?

— Eu prometi a mim mesma não me envolver com mais ninguém em dezembro.

— Quer dizer que se fosse Páscoa e estivéssemos preparando a Paixão de Cristo, você sairia comigo de novo?

— É, eu acho que sim. — ela riu e encostou-se na lateral do carro. Thomas a seguiu, o tecido da manga de sua camisa roçando no braço dela.

— Laura, eu não te pedi em casamento. Eu só queria passar um tempo com você e ver onde isso podia dar.

— Eu sei. Mas tanta coisa pode dar errado depois de dois encontros. Eu nem faço questão de ter um final feliz, sabe. Eu só quero evitar os finais péssimos. — Ela olhou para o chão e entrelaçou os braços em volta do corpo.

— Desculpa, isso não faz sentido. Eu sei que é difícil se abrir depois de um drama natalino. Mas eu gosto das suas ideias, da sua risada, do seu beijo. Gosto até da sua cautela exagerada. Se você também gostou de mim, não precisamos parar por aqui.

— Tom, contrariando meu histórico familiar, nada de bom começou ou vai começar para mim com um beijo perto do Natal.

— Você não sabe do futuro. Ninguém sabe. — Virou o rosto na direção dela e sorriu.

— É minha teoria, venho confirmando há anos.

— Teorias podem ser revistas, não podem? Você pode testar uma variável diferente. Alguém com a própria combinação ruim de amor e Natal, talvez. — Desencostou do carro e ficou de frente para Laura. Baixou a voz. — Não consigo parar de pensar em você.

Os dedos de Thomas procuravam espaço entre os dela, as íris castanho-escuras a convidavam para um chá, um jantar e o café da manhã do dia seguinte. Laura fechou os olhos um instante e se lembrou do que Sofia havia dito no corredor, fantasiada de Fantasma do Natal Presente.

— E eu me sinto muito bem com você. — ela pressionou os dedos dele e o puxou, cedendo ao calor que pulsava no peito e irradiava pelos ossos, músculos e pele. Respirou fundo e sorriu. — Tudo bem, acho que podemos tentar. Especialmente agora que conheci seu lado homem da ciência.

— Você ainda não viu nada. Eu também sou solteiro e tenho meu próprio cartão de crédito — ele sussurrou no ouvido dela.

— Irresistível, mesmo. — Laura riu, pela milésima vez nas últimas

duas semanas. — Pena que não temos *mistletoe* para quebrar o gelo, se eu quisesse muito te beijar agora.

— Temos aquilo, pode ser? — Ele a apertou junto ao corpo e olhou para o gradil que separava o estacionamento do interior da escola.

Metros abaixo, no palco da quadra, todos os pisca-piscas do cenário se acenderam ao mesmo tempo, a ambientação da última cena. Centenas de lâmpadas, pequenos cristais natalinos, acendendo e apagando na noite de lua cheia sem estrelas.

— Pode ser, sim.



Autoria: Duh | Edição: Equipe Editorial | Revisão: Thais Rocha

ELA. MAGIA.



Escritora, desenhista, musicista, fotógrafa e o que mais tiver pra inventar, onde dê pra se expressar e contar histórias. Um vampirinho apaixonado pela beleza de amar.

Quase meia-noite... Ela tem alguma coisa com essa hora, e eu bem sei.

No escuro, ela vai até a sala. Nas pontas dos pés, como se pisar mais forte pudesse acordar o bairro inteiro.

A árvore no canto do cômodo é só uma sombra que parece devorá-la por alguns instantes até que tudo se ilumina, ela fecha os olhos e sorri. Vai entender...

Ela é dessas que acredita em magia, e poucas coisas são tão mágicas quanto as luzes, é o que ela sempre diz.

E são as luzes que fazem o olho dela brilhar e o sorriso se alargar enquanto dança sozinha, daquele jeitinho moleque, com os enfeites na mão... Parece que o mundo é só dela.

E é!

Ela me contou, alguns anos atrás, que para cada enfeitinho desses ela faz um desejo. Cada lacinho, feito por suas próprias mãos, é colocado ali com a força de uma intenção para se cumprir ao longo do ano. E quando ela se concentra assim e sorri de novo, esse sorriso travesso de quem sabe o que quer, fica ainda mais linda.

Quanto tempo demora até me perceber aqui?

Parado na porta, olhando de longe as luzinhas dançando sobre a camisa que era minha, até ela decidir que era confortável usar para dormir.

Ela me chama para perto e, de repente, tenho quinze anos de novo, meus braços em volta de sua cintura pela primeira vez.

É final de primavera. A chuva lá fora serve de trilha sonora à nossa dança. Lenta. Envolta na magia das luzes de natal. Um rodopio, um laço a mais. E eu me pego de novo perdido nas luzes que dançam no rosto dela e se espalham na sala inteira, e meu pedido é vê-la sempre assim, dona do meu mundo, magia que há em mim.

Autoria: Lena

All I Want for Christmas Is You



Lena é artista de lettering, sagitariana, escreve poemas e contos nas horas vagas. Tem uma página onde mostra suas artes para o mundo no Instagram @letrasdalena. No horário comercial pode ser encontrada entre planilhas de Excel.

ALL I

WANT FOR

Christmas

IS

You

Os Quatro Natais



Bella nasceu em Belo Horizonte e é uma autora bissexual de 21 anos. Publicitária em formação, designer há 2 anos pelas loucuras da vida, e escritora orgulhosa de 7 romances perfeitamente guardados em seu computador. Não acredita na ideia de que existam obras perfeitas, mas é apaixonada pela criação de histórias que tem, cada uma, um propósito único e especial. Com o apoio incansável das suas cachorras que nunca se cansam de ouvir a dona falando sozinha pela casa, retratando seus mais diversos diálogos, continua na sua descoberta das centenas de universos que existem por aí.

UM AEROPORTO

Ah! A maravilha que era um aeroporto no Natal. Os terminais lotados, as filas imensas, o ar-condicionado ligado no máximo. Na verdade, a sensação de ir do lado de fora para dentro, através das portas automáticas do aeroporto de Confins, deixando o mormaço para adentrar o gélido ar condicionado era, provavelmente, uma metáfora precisa de como eu me sentia a respeito do fim de ano.

Aquela transição entre um ambiente e outro, que gerava uma espécie de choque em nosso corpo até finalmente nos acostumarmos ao frescor, e quando isso acontecia... Ahá, é claro que seria o momento de voltar às ruas. Irônico? Com certeza. Era isso que o Natal representava pra mim: ironia, tristeza, frustração. Procure a palavra “fracassada” no dicionário e o que estiver lá representará como eu me sentia no Natal.

Infelizmente, o resto da minha família não compartilhava meu espírito natalino (ou ausência dele). Minha mãe dizia que o Natal era época de celebração da vida e festejá-lo era questão de honra.

Ainda assim, eu costumava escapar das decorações exageradas, como o Papai Noel de Havaianas que ficava no jardim debaixo das cordas de papel crepom que imitavam o cair da neve. *Eu sei*, não fazia o menor sentido. Mas mamãe gostava muito dos filmes do Hallmark e vivia adaptando-os para as terras tupiniquins.

Mas tudo mudou depois que a vovó morreu. Escapar do Natal se tornou uma missão impossível. Foi ela quem colocou em mamãe todo o amor pela data, e depois de sua morte, celebrar o Natal tornou-se também uma forma de celebrar a vida da vovó. Mamãe centralizou no dia 25 de dezembro um milhão de sentimentos, e nós que lidássemos com eles.

E quando meu irmão, aquele traidor, me visitou um mês antes e fez questão de dizer a ela que eu passaria o Natal sozinha, dona Alice decidiu que já passara da hora da filha voltar pra casa. Mais que isso, determinou que o

motivo da minha vida estar um caos era porque eu não passava o Natal em casa há três anos.

Minha vida estava ótima, por sinal. Tinha um emprego estável, fazia entre 3 e 93 freelas no mês, estava *bem*. Gostava da minha profissão, atuava como designer há três anos e realmente me encontrei na área, até havia me inscrito para bolsas de estudo no exterior para me aperfeiçoar, tudo caminhava como planejado. Eu só estava... Solteira.

Normalmente, isso não seria problema na minha família. Mamãe nunca foi dessas que ficava no pé da filha perguntando dos namoradinhos, mas a questão era que ela gostava muito da minha última namoradinha. *Ana*.

Jesus. Mamãe amava Ana. Toda minha família a amava. Essa que vos fala estava incluída no bando, é claro. E todos tinham esperanças de que nós voltássemos a ficar juntas. Hum, se mamãe soubesse que eu passava a data me afogando em vinho chapinha e assistindo musicais em *looping* na TV me lembrando dela, teria me arrastado para casa muito antes.

A culpa de eu estar ali agora, procurando um assento em meio ao caos, era dela.

De seu cabelo comprido que caía no rosto toda vez que se inclinava para me dar um beijo, de sua pele clara que ela tinha que besuntar de protetor solar quando íamos passar as férias na casa dos meus pais porque o sol era forte demais, de seus olhos pequenos que sempre pareciam desconfiados e, principalmente, de sua boca... A boca dela parecia um coração. Não, *sério*. Parecia mesmo. Não era imaginação de mulher apaixonada, era um coraçãozinho pequeno, rosado e perfeito. Eu amava olhar para ela, e depois que terminamos adquiri uma mania pouco saudável de olhar para a boca de todas as mulheres que encontrava, tentando achar uma boca que a superasse.

Era bizarro, eu sei, mas nunca encontrei, até que um dia parei de procurar. Às vezes a mania voltava, como ali, naquela confusão pré-decolagem, com as pessoas apressadas e lentas, em proporções idênticas, à minha volta. Eu me via observando as mulheres e procurando pelos traços que conhecia tão bem.

Nada dela no C5, ou na E5, nada no A6, oh veja só, nada dela na D6, você era mesmo patética Manu, mas pelo menos no 7A havia algo... Meu assento.

— Com licença.

Colocando minha mala no compartimento, me espremi para passar por uma velhinha que tentava colocar o cinto de segurança. Seu assento era o da ponta e, antes de chegar ao meu, tive que passar por ela e desviar da moça

do 7B que parecia muito entretida com seu próprio cinto para me notar. O que, por sua vez, tornou minha passagem ainda mais complexa, depois de um entrelaçar de pernas pra lá de deselegante quase dei de cara com ela, mas por sorte desabei na minha cadeira.

— Jesus.

— Eu sei, minha filha, na minha época havia muito mais espaço. Isso aqui mais parece uma lata de sardinha.

— Ainda bem que temos o ar, se não iríamos todos cozinhar — disse, com bom humor, respondendo a senhora. Quando levantei o olhar para sorrir pra ela, minha cúmplice pelas próximas 7 horas no desconfortável voo, encontrei algo no mínimo inesperado.

Eu estava louca, certo? Tinha de estar. Não era possível, se bem que... O formato, o tom rosado, e bom... O rosto no qual aquela boca perfeita repousava, *ah merda*.

— Manu? — A voz ainda continuava a mesma, assim como a reação que ela causava em mim. *Ótimo*.

— Ana.



AQUELE COM OS MUSICAIS

— Senhoras e senhores, boa tarde, o comandante Felipe e sua tripulação, apresentam-lhes as boas-vindas a bordo. Este é o voo com destino a São Luís. Pedimos sua atenção para...

Atenção? Ahá. A única coisa na qual eu conseguia prestar atenção era na mulher ao meu lado, perfeitamente calma, mais calma do que eu, de qualquer forma.

E mesmo que eu tenha utilizado a maravilhosa demonstração do que fazer caso o avião caísse para me distrair, se eu, de fato, tivesse que utilizar algum daqueles procedimentos... Bom, morreria. Simples assim. Mas, considerando que eu preferia estar morta do que ali, não parecia uma ideia tão ruim.

— Indo pra casa? — Ana perguntou e juro que dei um pulinho no assento tamanha a surpresa ao ouvir *sua voz falando comigo*.

— Hum. — Limpando a garganta eu pigarrei antes de responder. — É. Intimação da dona Alice.

— Faz tempo que você não vai? — Não era o que eu tinha dito, é claro, mas ela sempre me conheceu bem demais para ler as entrelinhas das minhas

frases como quem lia um cardápio.

— Final de ano é sempre mais corrido.

— Sei.

— E você? — questionei, afinal de contas eu não podia ser a única que não conseguiria manter a normalidade.

— Ah, eu tô indo visitar uns amigos.

No Maranhão? Amigos? Ou... Ela ia visitar a avó. Todo ano ela ficava sozinha, esperando que os pais ligassem, mas naquele ano... Para Manu! Deixa de ser boba. Aquilo não significava nada.

— Entendi. — Pegando o controle, comecei a procurar na tela a minha frente algum filme para preencher o delicioso silêncio e me poupar de 7 horas de conversa com minha ex. — Ah olha só eles têm *Mamma Mia* — disse com a mesma naturalidade que o fazia. Enquanto namorávamos assistimos *Mamma Mia* umas... Vinte e oito vezes? — Você ama esse filme.

— Eu amo esse filme! — ela disse ao mesmo tempo e eu sorri, sem jeito.

— Veja só, vocês parecem se conhecer muito bem. Sabe, a Meryl Streep está mesmo ótima nesse filme — a senhora ao lado constatou, me arrancando do meu entorpecimento, antes que pudesse respondê-la, porém, a própria emendou a frase. — Aquela mulher simplesmente não envelhece. Vocês gostam de musicais ou só gostam da Meryl Streep?

— Dos dois — respondemos em uníssono, porque ela amava musicais e eu amava a Meryl Streep.

— Algumas coisas nunca mudam, eu acho — Ana disse com a voz suave.

— Acho que não... — concordei, mas não consegui apertar o play. Na verdade, o pequeno controle continuou repousando em minha mão enquanto eu encarava a tela imóvel. Sem que pudesse me controlar, minha mente foi automaticamente se perdendo em memórias de um passado distante, seis anos antes. — Você lembra daquele...

— Daquela? — ela perguntou quando deixei a frase morrer, e eu teria continuado em silêncio se ela não tivesse se virado no assento e me encarado com os olhos tão atentos. Merda, aqueles olhos. Eles me mantinham hipnotizada e me faziam ignorar o resto do mundo.

— Do Natal que passamos lá em casa. No meu apartamento em BH, não aquele com a minha família...

— Aquele também foi muito bom.

— O Pedro com o peru foi hilário e ridículo, espera... Também?

— Ah, o Natal em BH foi muito bom. Eu lembro, quer dizer... É claro que eu lembro né, Manu. Foi nosso primeiro Natal.

É, nosso primeiro Natal como um casal e ele foi... Bem, uma representação clara de quem éramos.

Namorávamos há oito meses quando veio o Natal e não pude viajar para ver minha família, como mandava a tradição. Estava pronta para passar o feriado sozinha assistindo à reprise de *Friends*, quando Ana sugeriu que passássemos juntas. Eu, ela e sua cachorra, que cada vez mais se tornava *nossa cachorra*, Fifa.

Eu sabia que ela não tinha uma relação legal com a família, mas não quis sugerir a ideia de passarmos a data juntas, porque pensei que seria um passo grande demais. Mas a Ana... Ela era assim, prática e bem resolvida.

Ela dizia o que queria e tirava o melhor de todas as situações. E eu? Bom, eu queria muito impressioná-la. Então, decidi fazer um Natal temático e a escolha foram os filmes americanos.

Como ficaríamos em casa com o ar-condicionado no talo, pensei que um climinha frio seria ótimo para nos transportar ao Natal norte-americano. Eu consegui até um boneco de neve! O único problema, *o primeiro deles*, foi que o ar-condicionado quebrou.

É isso mesmo. No Natal. Em BH. E o pior... Eu não tinha um ventiladorzinho sequer para quebrar o galho. Considerando o feriado, obviamente não consegui um técnico, e como o forno estava ligado, a casa rapidamente se transformou em uma estufa e aí...

— O boneco de neve! — gritei quando entrei na cozinha e dei de cara com o desastre iminente.

— O quê? — Ana perguntou, com o ar despreocupado. É claro, ela ainda não tinha visto o desastre.

— Ai meu Deus, Ana!

— Por que tem um boneco...

— Pega um pano! — gritei da cozinha enquanto assistia ao meu pequeno Olaf morrer em minhas mãos.

Os olhos caíram, a cenoura que fazia seu nariz despencou e a Fifa rapidamente correu para a cozinha para comê-la, sujando as patinhas e deixando marcas por toda a casa. Para melhorar, quase escorreguei na poça de água que se formava graças a ele. *Quase* porque Ana chegou bem a tempo e me segurou. — Ai meu Deus. A Fifa comeu o nariz.

— Acho que aquilo ali eram os olhos.

— Ai meu Deus. Ana! Para de rir.

— Desculpa, amor, mas o que... O que é isso?

— *Isso* era um boneco de neve e ele acabou de... derreter. Todinho.

— A gente tá no Brasil, não era nem pra ele existir.

— E os cookies queimaram. — Percebi, um pouco tarde demais, correndo para desligar o forno.

— Tem biscoito de polvilho.

— A gente vai ter que comer pizza. — Com toda a animação da decoração, acabei esquecendo de colocar o peru no forno, e ele simplesmente não ficaria pronto a tempo. — Ana, se a minha mãe descobrir que eu te dei pizza no Natal ela me mata.

— Ei, assim eu iria conhecê-la! — ela disse, mas escolhi ignorar seu comentário e me joguei no sofá bufando, completamente rendida.

Ana continuava sorrindo e me olhava como quem vê um vídeo de um cachorrinho muito fofo. Aquela garota, ela era inabalável. E foi com uma gargalhada doce que ela se jogou ao meu lado, atirando as pernas sobre as minhas e passando os braços no meu pescoço, me obrigando a encará-la antes de continuar:

— Amor, sério. Tá tudo bem.

— É Natal.

— Eu sei. E o Natal pra mim sempre foi uma grande merda. Meus pais insistiam que a família tinha que estar junta no fim de ano e eu assistia todo mundo comentar da vida um do outro e via como minha mãe mudava de assunto quando chegava na *minha* vida. Eu passava o Natal inteiro pensando... Que merda eu tô fazendo aqui? Sabe quanto tempo demorou para eu dizer “não” e começar a passar o Natal sozinha? E pior, depois disso fiquei esperando eles me chamarem de volta. Tudo que você fez aqui... Bom, tentou fazer — ela disse e eu revirei os olhos —, é lindo. E a pizza vai estar ótima e tem algo que sempre salvou os meus Natais.

— Ai, Jesus.

Eu sabia exatamente o que ela ia fazer e não estava nem um pouco animada. Mas antes que pudesse protestar, ela plantou um beijo suave nos meus lábios e agarrou o controle que repousava na mesa de centro. Apontando-o como uma arma para a TV, me olhou com a expressão de uma criança travessa prestes a roubar um pedaço de bolo.

— Você já assistiu Em *Um Bairro de Nova York*?

— Só quatro vezes desde que te conheci.

— Manuuuu!

— Anaaaa.

— Sério, me escuta, não tem nada, nenhuma tristeza ou infortúnio que um bom musical não resolva. Vai ser ótimo, eu tenho certeza que depois desse natal você vai passar a amar esses filmes. — Deitando-se em meu colo, me encarando com os olhos brincalhões, ela esperou por uma resposta e é óbvio que eu disse sim. — Ebaa, depois desse a gente vê *Mamma Mia*, tá?

— Tá — aceitei, rendida, antes de buscar a pizzaria certa no delivery, a única aberta no caso, e começar a fazer um cafuné em sua cabeça enquanto assistíamos à abertura já bastante musical surgir na tela.

No fim, ela tinha razão, passei mesmo a amar musicais depois daquele Natal. Eles me lembravam o conforto e a alegria que eu senti ao ter a Ana bem ali, ao meu lado.

Aquele foi um ótimo Natal e sempre que pensava nele sentia uma alegria incrível me preencher, era como se tudo no mundo estivesse certo. Nós éramos a escolha certa.

Até que não éramos mais.



AQUELE COM A FAMÍLIA

Aquele Natal foi incrível.

— Eu assisto musicais toda vez que minha semana é uma merda — disse de uma só vez, porque aquela situação não podia mesmo piorar, certo? — Eles são uma ótima forma de conforto, você tinha razão nisso.

Virando-me, eu percebi que ela me observava. Na verdade, parecia me analisar por completo e me perguntei se ela se fazia as mesmas perguntas que eu. Quais memórias ela teria feito naquele tempo? Quais sonhos teria conquistado? Tantos outros teriam surgido, com certeza. Mudei tanto em dois anos, ela teria mudado ainda mais. Então, por que é que a visão dela ainda aquecia meu coração?

— O que aconteceu no Natal do peru?

— Oi?

Voltando à realidade, pisquei rapidamente ao ouvir a pergunta saindo dos lábios da senhora no assento do canto. Ana riu, balançando a cabeça sutilmente, mas eu continuava um tanto chocada com a situação.

— Qual o nome da senhora? — perguntei e provavelmente soei mais rude do que gostaria, mas já que ela ia se intrometer na nossa conversa, eu deveria ao menos saber seu nome.

— Eva, minha filha.

— Certo, dona Eva. Dona Eva, o Natal do peru...

Agarrando minha mão, Ana me encarou com os olhos levemente arregalados, e talvez eu tivesse prestado mais atenção àquele fato não fosse o toque suave de sua mão sobre a minha depois de tanto tempo. *Merda*. Por que eu me importava tanto com tudo que ela fazia? Dando de ombros, fiz que não ligava de contar a história, ainda um pouco atordoada com a proximidade. Conseguiu até sentir seu perfume.

— O Natal do peru foi mais ou menos um ano depois do Natal dos musicais. Eu levei a Ana para passar o Natal lá em casa.

— Ela achou que seria uma boa ideia me apresentar pra família no Natal.

Ok. Eu entendia que havia toda uma tensão ao redor do Natal com a família, mas honestamente a minha família era demais. Eram divertidos e amigáveis e, desde que eu me assumi como bissexual, nunca questionaram absolutamente nada a respeito de meus relacionamentos, mais que isso, aceitaram de braços abertos todos que levei para casa. E odiaram todos em proporções iguais também, esse era o único defeito deles: eram críticos pra caramba.

Mas eu sabia que eles iam amar Ana. Simplesmente sabia, e bom, que época melhor que o Natal para testar a sorte?

— Mãeee. Chegamos. — gritei da porta, enquanto Ana e eu sacudíamos a areia do corpo.

Era nosso terceiro dia ali e depois de um pequeno momento de desconforto que durou cinco minutos, ela já se sentia em casa. Minha mãe se apaixonou por ela logo de cara, começaram a conversar sobre a rotina de hospital e mamãe amou saber que a nora era enfermeira como ela. Meu irmão, ela ganhou no videogame, e meu pai... Bom, ele simplesmente olhou pra ela e pra forma como segurava minha mão e assentiu, sorrindo.

— Cadê todo mundo?

— Ana! Não! — mamãe gritou, aparecendo na porta com os braços abertos, o avental completamente sujo e o cabelo todo desgrenhado.

Nada disso chamou tanta atenção quanto a expressão de puro horror em seu rosto. Ela movia as mãos no ar no que deveria ser um X gigante e eu só consegui permanecer parada em completa confusão, porque... Que merda estava acontecendo ali?

— Mãe...

— Manu, é melhor você levar a Ana pra tomar um sorvete. Ou jantar...

É, jantar é uma boa, isso aqui vai demorar.

— Isso aqui o quê?

— Minha filha, leva a moça pra rua, vai.

Dando um passo à frente, eu tentei enxergar através dela, mas mamãe se interpôs tapando minha visão, na verdade... A visão de Ana que parecia sua maior preocupação. Ela sorriu, um sorriso nervoso e eu teria achado graça se não tivesse ouvido um grito vindo de dentro da casa.

— Mãe pelo amor de Deus, o que tá acontecendo?

— Ah, Jesus. Eu queria te poupar disso filha, mas... Se você vai ficar com a Manu, acho que é melhor você descobrir logo. — Descobrir o quê? Do que ela tava falando? E porque ela não tava falando comigo? — Eu queria muito evitar isso, Ana, porque eu gosto muito de você. Você é a melhor namorada que a Manu já trouxe pra casa, e eu quero mesmo que você fique. Mas a nossa família... Ela é difícil. Confusa e um tiquinho caótica, a gente se ama, mas o povo daqui tem cada ideia... Então, eu espero que você possa superar isso e continuar amando minha filha e a gente.

Sério. Naquele ponto da declaração, mamãe já estava segurando as mãos da Ana, e ela estava... Quase chorando. Isso mesmo. Ela balbuciava o nome da minha mãe com uma expressão tão fofa que eu poderia esmagá-la, mas antes que pudesse me juntar ao momento amor comecei a gargalhar incontrolavelmente.

Uma gargalhada histérica e... Maravilhosa! Jesus! Ri tanto, mas tanto, que minha barriga começou a doer, tentei me agachar para recuperar o fôlego e só consegui rir ainda mais, caindo de bunda no chão.

Acontece que naquele instante meu irmão apareceu na porta, com um... Peru enfiado na cabeça. Pedro era muito fã de *Friends*. Pois é. Ele achou que seria engraçado e foi! Só que só pra mim e pra ele.

Naquele Natal assisti enquanto minha namorada com os olhos marejados de emoção ajudava minha mãe a tirar um peru da cabeça do meu irmão. E foi... Incrível. Vergonhoso, mas incrível.

Uma dica: nunca tente a sorte no Natal. É vergonha na certa.



AQUELE EM QUE TUDO ACABOU

— Essa história é ótima! — dona Eva gritou enquanto gargalhava e pude ver ao menos duas fileiras de pessoas nos olhando de cara feia, o que por sua vez, me fez rir ainda mais.

— Aquele foi um de nossos melhores Natais.

— Foi mesmo — Ana concordou, mas seu sorriso não chegava aos olhos. — Você lembra do último?

É claro que lembrava. Aquele Natal deixou um gosto amargo em mim. Aquele foi o Natal em que ela... Escapou. Escorreu entre meus dedos da forma mais triste possível. Junto com todas as outras coisas que não fui capaz de mudar.

Aquela história não valia a pena contar.

Mas mesmo que não a contasse, ela continuaria existindo.

Aquele último Natal nós passamos na casa da Ana. Os pais dela a convidaram depois de muito tempo e ela pediu que eu fosse junto.

Eu nunca a tinha visto tão nervosa.

— Vai ficar tudo bem, amor — disse, e Deus, como eu queria que fosse verdade. Queria ter o poder mágico de afastá-la de todas as merdas do mundo, incluindo seus pais. Queria protegê-la, seu sorriso frouxo e seu coração bondoso, mas... Não consegui.

Naquele Natal, os pais da Ana, homofóbicos assumidos, a expulsaram de casa pela segunda vez. Disseram que se era pra ela aparecer daquele jeito, era melhor nem ter ido. Ela chorou. E eu queria poder dizer que o fato de eu estar ali segurando sua mão mudou alguma coisa, mas a verdade é que às vezes coisas ruins acontecem com pessoas boas e nem todo o apoio do mundo muda o fato de ainda serem... Coisas ruins.

Alguma coisa quebrou naquele dia. O resto de esperança que a Ana tinha neles. Ainda me lembrava do que ela havia dito quando declarou que não conseguia mais continuar comigo, uma semana depois.

— Eu só... Não consigo esquecer. E eu preciso muito esquecer, Manu. Dói demais.

Ela estava falando dos pais? De mim, que aparentemente me tornei uma lembrança de seus pais? Do amor como um todo? Refleti muito a respeito e encontrei diversas respostas, mas honestamente? Não mudavam nada. Não mudavam o que aconteceu. E não mudavam o fato de que, aquele caminho, Ana escolheu trilhar sozinha.

Dois anos depois, ela parecia haver trilhado. Já que no Maranhão estava sua avó. A única que sempre a amou exatamente como era.

— Às vezes eu me pergunto o que teria acontecido com a gente sem aquele Natal.

— Teriam outros — respondi, dando de ombros. Do lado de fora da janela, o sol começava a se pôr, algumas horas e logo estaríamos em casa. —

Tem Natal todo ano, se isso é bom ou ruim, eu já não sei.

— É bom. Com o Natal chegam as novas chances. — Pra gente também? Quis perguntar, mas minha voz não foi forte o suficiente para chegar até ela. — Eu nunca me desculpei.

— Pelo quê?

— Eu não estava pronta. Achei que estivesse. Todo o resto eu sempre fui capaz de fazer sem a aprovação deles, e nunca tive problemas em me relacionar, mas aí eu conheci você e... Ai, Manu, sua mãe era ótima, sua família, eles me amavam. E eu queria que os meus pais te amassem. Eu te amava. — Amava. *Ouch*. O passado ainda doía. — Eu devia ter sido mais forte.

— Você foi forte. É só que... A gente faz o melhor que dá né? O melhor do que fazem com a gente. Você se saiu muito bem.

Mais que bem. Ela era incrível, a pessoa que me inspirou a ser melhor... Sabe, pode parecer bobagem, mas o Natal traz consigo novas oportunidades, certo? Segundas chances. E talvez fosse a magia do Natal falando, mas olhando para aquela Ana, que já não era a minha Ana, e que com certeza havia mudado muito nos últimos anos, eu me pegava desejando conhecê-la de novo. Como na primeira vez.

Se um Natal mudava tudo, o que mudaria se voltássemos a passar o Natal juntas?

— Você se lembra de como a gente se conheceu?

— Há! — Ana riu, enxugando uma pequena lágrima que escorreu. — Era véspera de Natal e você me convidou para passar o dia 25 com você. Se eu me lembro bem, você tava completamente bêbada e eu...

— Você me colocou num táxi. Aquele foi o primeiro Natal que passei longe de casa. Foi horrível. Mas eu acordei no outro dia com um sorriso bonito na cabeça e um número de telefone no bolso, então... Não foi tão horrível... Ana?

— Hum?

— Eu sei que você tem planos para o dia 24 e tudo mais, mas sabe...

— Ah não, Manu, para!

— Ei! Eu tô sóbria, então... Passa o dia 25 comigo?

Virando-se completamente, ela me analisou e foi como se eu estivesse nua, a Manu bêbada com certeza sabia o que estava fazendo porque falar aquilo sóbria era horrível. A ansiedade, a expectativa, eu sabia o que ela estava pensando; passado, presente e futuro.

Escolha o presente. Escolha o presente.

— É. Acho que quero sim.

Sabe, alguns amores não foram feitos para acontecer. Outros só não foram feitos para acontecer naquele momento. Eu não sabia qual dos dois nós éramos, mas estava ansiosa pra descobrir.

— A senhora tá chorando, dona Eva?

— Mas é claro que não sua boba! É o ar.

P.S.: Ela estava chorando sim.



Autoria: Thiago Ambrósio Lage | Edição: Equipe Editorial | Revisão: Camila Paixão

Anis- Estrelado



Thiago é mineiro, vive em Palmas, ama o Natal, nunca fez Glühwein, e já fez poucas aulas de Alemão. Ele escreve mais ficção científica e fantasia, e é um romântico e não acredita no amor. Auf wiedersehen!

Anis-estrelado, que merda é essa? Confiro minha pequena lista de compras, anotada às pressas num *post-it* amarelo pregado dentro de minha carteira. Sábado é o único dia da semana em que posso dormir até um pouco mais tarde, mas cá estou eu, bem cedo, no centro da cidade, a caminho do Mercado Central para encontrar essa especiaria.

Já estou toda suada por causa do calor e com minha pele vermelha, contrariando a palidez habitual. Por mais que me esforce (mentira, eu *não* me esforço), nunca consigo me livrar dessa aparência vampiresca: muito magra, muito branca, cabelos muito escuros, curtos e lisos. E para completar, eu ainda estou de regata preta e jeans surrados. No trabalho, fico horas mofando num escritório, pegando esse bronze de tela de notebook e luz fluorescente. Devia ter passado protetor, mas agora já foi. Mamãe me garantiu que eu encontraria o tal anis-estrelado ali e confiei nela. Espero mesmo que ela esteja certa, pois a festa é hoje mais tarde.

Se perder no mercado é fácil, e mais fácil ainda para mim, que não o conheço bem e estou com pressa. Nada aqui faz sentido: saio do cheiro de abacaxi maduro, atravesso um corredor cheio de salões de beleza e lojas de cosméticos, para em seguida atravessar outro corredor cheio de *pet shops* e animais de estimação à venda em gaiolas apertadas demais. E gente, muita gente. Apertado demais. E eu nem sabia que vendiam artesanato aqui. Faltam poucas semanas para o Natal, então o centro de Belo Horizonte fervilha. Do mercado saem frutas secas, frescas e cristalizadas, castanhas e toda sorte de delícias para a ceia de milhares de mesas. Onde será que as frutas cristalizadas se escondem o resto do ano? De esbarrão em esbarrão pelo caminho, e depois de perguntar a algumas pessoas, consigo comprar o tal anis-estrelado. Tem cheiro de erva doce, deviam ter pedido erva doce que era mais fácil. Lembra o cheiro do perfume de Luciana, um cheiro doce sem ser floral. Nunca vou entender essas coisas de quem cozinha. Aproveito para comprar o cravo e a canela na mesma loja, e duas laranjas-bahia (também recomendação de minha mãe, por serem mais aromáticas) na loja vizinha. Lembro de ter visto

uma loja de bebidas próxima à porta por onde entrei e me perco refazendo o caminho até lá, para apenas na terceira vez conseguir localizar e comprar o vinho. A escolha é complexa: a bebida não pode ser muito vagabunda, mas também não quero desperdiçar grana e um vinho bom com essa mistura que nem deve ficar boa. Um vinho bom eu preferiria beber puro, em boa companhia.

No ônibus a caminho de casa, minhas costas estão ensopadas de suor e meus cabelos colados na testa. Repasso mentalmente os passos da receita. Consciente de minha inaptidão culinária, escolhi uma bebida para levar na confraternização de fim de ano do curso de Alemão, ou melhor, de todos os cursos do Instituto Elizabete Ernani, a maior rede de escolas de idiomas da cidade.

Esse ano resolveram unir a Festa das Nações com uma confraternização de fim de ano, e por isso aqui estou eu, Elisa Agnes Viana, prestes a fazer uma receita alemã cujo nome sou incapaz de pronunciar: *Glühwein*. Este “u” tremado, que o professor sempre me corrige falando que o nome é *u umlaut*, me ferra. Ele e os outros sons trocados. *Glü-VÁIN*, repito mentalmente, lembrando que terei que fazer os lábios de “u” e o som de “i” ao falar o “ü”. Preciso saber pelo menos pronunciar isso se quiser impressionar alguém. E quero muito impressionar alguém *bem* especial.

Em um semestre de aula, meu progresso foi mínimo e ainda me enrolo nos fonemas mais básicos. E por isso mesmo preciso me dedicar nessas atividades extraclasse para ser aprovada. Não acho certo esse tipo de atividade ser avaliada e pontuada, e muito menos uma escola que oferece um curso livre ter esse tipo de reprovação. Mas ali não cabia a mim criar as regras do jogo. Nem ali e nem em lugar nenhum.

Em casa, tiro os sapatos, visto algo mais confortável, pego a receita e a leio pela sexta ou sétima vez. Ou décima, talvez. Antes de baixar a receita, imaginei que seria só misturar tudo e pronto. Ledo engano. Certeza que pra alguém que saiba cozinhar isso seria fácil, mas para mim, que mal sei ferver água pra passar um café sem sofrer um acidente, qualquer coisa com mais de uma etapa é um mistério.

“Primeiro, misture o açúcar e a água apenas, os aqueça em fogo baixo até levantar fervura e o açúcar se dissolver por completo.”

Onde estava com a cabeça quando resolvi estudar Alemão? No trabalho, claro. Ser secretária nunca tinha sido meu sonho, mas foi o que aconteceu. E agora, numa multinacional alemã, o conhecimento do idioma é essencial para eu crescer dentro da empresa. Mesmo com a rotina puxada, todas as

terças e quintas à noite eu me arrastava para fingir que prestava atenção em alguma coisa na aula. Eu só queria ir para casa e dormir. Às vezes eu torcia para que Luciana substituísse o professor para eu ter uma motivação a mais.

“Depois, adicione o suco das laranjas, uma parte de sua casca (sem a parte branca, senão fica amargo) e as especiarias. Deixe ferver em fogo baixo por uns 15 minutos para que o gosto das especiarias e da laranja apure.”

Essas receitas sempre têm coisas estranhas, nunca entendi isso de *apurar*, mas se estavam mandando, melhor obedecer. Assim como acho que consegui obedecer o detalhe da parte branca da casca da laranja. Vigio a fervura da calda (não está escrito assim na receita, mas acho que é uma calda, ou é uma calda pra mim e isso basta), o aroma da laranja faz com que o perfume de Luciana volte à minha mente, ele também tem algo de cítrico. Eu poderia mandar uma mensagem para ela pedindo ajuda com a receita, quem sabe ela não me responderia. Afinal de contas, quando me deu seu número ela disse para procurá-la em caso de qualquer dúvida. Claro que nunca escrevi nada. As dúvidas que tenho vão além do vocabulário e da gramática.

Passo a remoer os problemas do trabalho e o *look* de mais tarde. Quero estar bonita, mas tenho que usar uma camiseta horrorosa que a turma mandou fazer. A minha ficou parecendo um balão, e mesmo uma *baby look* não ficaria muito melhor.

Quase tudo naquele curso me irritava. Apesar de ter um inglês intermediário e um espanhol razoável, o que me ajudou muito a conseguir o emprego, eu pareço ter um bloqueio com Alemão. “W” com som de “v”, “v” com som de “f”, *VolksWagen* é *folksvaguem*, sim, “g” com som de “guê”, sempre. E “eu” com som de “oi”, “ei” com som de “ai”. E “ü”, “ö” e “ä”. E o maldito “ch”. Na minha cabeça entendo isso, mas daí a fazer o corpo responder dessa forma...

E foi por essas dificuldades que comecei a frequentar a mediateca da escola aos sábados à tarde. Sempre tinha algum colega de sala ou de outro período que me ajudava, nem sempre com muita paciência. Era complicado não ter tempo nenhum para me dedicar às tarefas e energia zero durante as aulas. Às vezes, eu dava sorte e Luciana, que era professora do intermediário, estava no plantão de dúvidas para compensar carga horária, já que havia poucas turmas avançadas. Ela já tinha até morado na Alemanha por algum tempo, quando era casada com um alemão. Quando Luciana estava na mediateca, eu ficava aliviada, pois ela sim tinha paciência com meus deslizes. Confesso que às vezes eu ficava muito desapontada quando ia à escola aos sábados e ela não estava lá. Talvez eu tenha espiado a escala dos professores e coincidentemente tinha mais dúvidas nos sábados em que Luciana estava lá? Talvez. Mas nunca

com coragem de tirar a maior dúvida. Ela já tinha sido casada com um homem, mas isso não quer dizer nada, meus ex-namorados e minha ex-namorada estão aí para provar.

“Depois dessa fervura, adicione o vinho à mistura e deixe em fogo bem baixo por mais uns 15 minutos.”

Uns 15 minutos, isso é que me mata, como vou saber exatamente quantos? Ligo o timer do celular e enquanto essa última fervura acontece, preparo uma garrafa térmica grande e alguns copos descartáveis. O *Glühwein* é uma bebida típica das feiras de Natal na Alemanha e na Áustria, então é improvável que fizesse sucesso no dezembro escaldante das terras brasileiras. O cheiro agora me lembrou de quentão, o que tem tudo a ver com inverno. É provável que ninguém bebesse aquilo, mas pelo menos eu decorei bem a explicação sobre o que era a bebida e sua tradição. No fim das contas isso é que seria avaliado.

“Na hora de servir, reaqueça a bebida se necessário e, caso deseje, adicione alguma bebida destilada para recompor o álcool do vinho perdido na fervura.”

Lendo esta última parte, me empolgo e separo uma garrafa de rum para levar junto. Talvez uma dose me ajude a soltar um pouco a língua e tomar coragem. Em cima da hora, me arrumo às pressas e logo saio de casa, sem nem ter tempo de provar a bebida. De qualquer forma, não conheço a original, então eu só poderia emitir uma opinião entre o bebível e o imbebível, se é que essas palavras existem. Ao invés de aprender o Alemão, eu estou esquecendo o Português. No fim das contas acho que tudo teria gosto de erva doce, que nem curto tanto assim.

Na escola, as mesas são separadas pelo idioma das classes, e minha turma está concentrada no canto decorado com balões vermelhos, amarelos e pretos. Balões. Essa infantilização me irrita um pouco, mas vários colegas ainda estavam no ensino médio e aquilo para eles era um evento mágico e não apenas mais uma obrigação. Até que também poderia ser um evento mágico para mim se... enfim, melhor me concentrar em montar minha mesa e me preparar para distribuir sorrisos e bebidas, fazendo vista grossa para os menores que beberiam vinho quente com a desculpa de que o álcool já teria evaporado todo. E repassar mentalmente a minha explicação. Em Alemão, óbvio.

Nas mesas ao redor, bandeirinhas e sorrisos diversos. Alguns alunos numa tentativa genuína de buscar tradições natalinas de outros países, e outros apenas se conformando com coisas parecidas, como alguns alunos do

curso de Inglês apelando para tradições do feriado de Ação de Graças, e os de Mandarim apelando para o ano novo chinês que nem mesmo era em dezembro.

Não estou no humor de passear pelas outras barracas, e nem mesmo com fome. Só penso em como vou acabar travando na hora que meu professor chegar e eu não conseguir responder à saudação mais básica, um *Hallo, wie geht's?*, sem engasgar ou me embaralhar.

E realmente me engasgo ao ver Luciana se aproximando.

Ela está linda, com um vestido coral contrastando sua pele negra, os olhos brilhantes como se refletissem as pequenas argolas douradas em suas orelhas, com o cabelo crespo arrumado num coque alto envolto num lenço estampado de flores grandes de hibisco. Sua maquiagem está perfeita, com lábios bem marcados num tom meio alaranjado que parece conversar com o vestido e o lenço. Ela parecia uma diva da disco music repaginada para um comercial de resort dos anos 2010. E eu não tive tempo nem de me maquiar direito.

— Oi, Elisa, o Márcio não pode vir para a festa, então eu vou representá-lo. Está tudo bem com você?

Sem reação verbal imediata, ainda tossindo, me sirvo um copo de *Glühwein* aditivado com rum e dou um pequeno gole. Até que o segundo copo não é tão ruim.

— Oi. Sim, quer começar? — Me agarro ao copo de bebida, reordenando os pensamentos.

Luciana pega a prancheta e inicia um diálogo em Alemão comigo. É difícil falar assim sem ensaio, ainda mais com ela. Cada palavra sai da minha boca num espasmo e construo minhas frases com uma mistura de soluços, engasgos, suspiros e monossílabos entrecortados com goles curtos da bebida doce e fumegante. Sirvo um copo para Luciana, que prova a bebida e emite uma frase de aprovação, *Sehr gut!* Esta expressão eu conheço: “Muito bom!”. Ela gostou do meu *Glühwein*, justo ela que tinha experimentado o original!

Ainda com medo, tomo agora um gole grande de *Glühwein*. O vapor sai do copo e embaça meus óculos. Meu rosto arde, apenas em parte por causa do calor, do álcool e das especiarias.

— O anis-estrelado dá um toque especial, pena que nem todo mundo usa. E você ficou uma graça assim, vermelhinha. — Luciana passa as costas dos dedos com delicadeza na minha face.

— Gentileza sua, é o calor. — expiro aliviada por não ter mais que responder em Alemão, ainda sentindo o forte calor em minha bochecha ir-

radiando do ponto exato em que fui tocada. Meu corpo todo se tensiona e relaxa em seguida. — É, eu adoro anis-estrelado.

— Verdade, esse vinho é uma delícia, mas a noite de hoje pedia era um vinho branco bem geladinho ou uma cerveja. Você gosta de cerveja? O pessoal da escola estava combinando de sair depois, mas eu queria tomar uma boa cerveja artesanal. Odeio beber sozinha.

— Sim, eu gosto de Aleman... quer dizer, cerveja. — Agora meu coração se liga diretamente ao meu rosto que pulsa com todo o sangue e calor do meu corpo a cada batida. Luciana está ali, na minha frente, acenando do outro lado da linha que eu nunca tive coragem de cruzar. E me estendendo a mão. *Pense rápido*, Elisa. — Direto eu ganho umas artesanais no serviço e...

Listo os tipos de cerveja que conheço, que já bebi, de que gosto, de que não gosto. Me perco nos olhos dela enquanto as palavras jorram e o calor aumenta. A sala começa a esvaziar. Luciana beberica o *Glüwein* enquanto me olha fixamente e faz gestos afirmativos para que eu continue a falar.

Eu não estou vendo coisas, não posso estar vendo coisas. Preciso arriscar antes que a coragem se evapore com o álcool do vinho quente. Preciso tirar esta dúvida.

— Conheço um bar alemão que não é muito famoso, mas os chefes da firma sempre vão lá. — Ouço minha pulsação dentro do meu ouvido. Acho que vou explodir. O medo vence. — Ele fica aqui perto.

— E isso é um convite? Apesar do seu *Glüwein* estar divino, o clima hoje pede mais uma cerveja. — Ela vira o restante da bebida e joga o copinho na lixeira. É a segunda vez em menos de dois minutos que ela fala em tomar uma cerveja. Eu não estou ficando doida. Vamos Elisa, você é uma mulher ou um saco de batatas?

— Hipoteticamente falando, se fosse um convite, você aceitaria?

— Só se for agora! — A risada de Luciana preenche a sala e o meu peito. — Quero te ouvir falar mais dessas cervejas e do seu trabalho no bar, vamos ter muito tempo para conversar ainda.

— Mas em Português, por favor! — falo com uma risada forçada, já me arrependendo dessa tentativa tosca de humor.

— Sim, claro, nada de trabalho, vamos como amigas. — Ela pisca, sorri e se afasta para entregar a ficha de avaliação.

Dou mais um gole no *Glüwein* na dúvida se esse tal de anis-estrelado não seria alucinógeno, mas ele só tem um gosto estranho mesmo. Era bom demais pra ser verdade.

Eu era correspondida, e agora não tinha mais medo.

Receitas

BRUSCHETTA

Quem não fica cheio de fome enquanto não dá o horário da ceia de Natal? Se você faz parte desse time, que tal inovar e preparar algumas bruschettas para enganar a fome enquanto o prato principal não fica pronto?

INGREDIENTES

- Pão francês ou pão italiano
- Tomate italiano
- Manjericão, sal e pimenta-do-reino
- Azeite
- Presunto parma ou ibérico

MODO DE PREPARO

- Corte o tomate em cubos e coloque em uma tigela.
- Adicione azeite, manjericão, sal e pimenta do reino a gosto
- Misture bem e reserve.
- Corte o pão em fatias de 2 a 3 centímetros
- Asse o pão forno pré-aquecido a 180° por 8 minutos
- Depois de assado, coloque uma camada de presunto e a mistura do tomate sobre as fatias dos pães
- Sirva e saboreie

BISCOITOS AMANTEIGADOS

Tem algo melhor do que um filminho de Natal acompanhado de biscoitos deliciosos que derretem na boca? Seja pra comer, antes, durante ou depois das festas, ou até mesmo para dar de presente, esses biscoitos amanteigados com certeza vão adoçar o coração de todo mundo.

INGREDIENTES

- 2 xícaras de farinha de trigo (256g)
- 1 xícara de açúcar (115g)
- $\frac{3}{4}$ de colher de chá de sal
- 1 xícara de manteiga sem sal, em temperatura ambiente e cortada em pedaços (227g)

MATERIAIS

- Processador de alimentos
- Forma para assar os biscoitos
- Papel Manteiga
- Rolo de Massa
- Cortador de biscoitos

MODO DE PREPARO

- 1** Pré -aqueça o forno em 165°C e prepare as formas com papel manteiga.
- 2** Junte todos os ingredientes em uma processador de alimentos. Bata por 30 a 60 segundos. Pare quando a mistura formar uma massa na tigela. Se não fizer isso, continue batendo de 10 a 10 segundos até conseguir a consistência. A massa está pronta quando ela se juntar ao ser apertada.
- 3** Coloque a massa em uma bancada e gentilmente una todos os pedaços. Devagar, amasse a massa algumas vezes até formar um formato quadrado. Se ainda estiver esfarelado, continue amassando com sua mão até formar uma massa homogênea, ou coloque no processador de alimentos e bata por mais alguns segundos
- 4** Quando a massa estiver macia, coloque para descansar na geladeira por 10 a 20 minutos, até esfriar mas continuar maleável.
- 5** Com ajuda de um rolo para massa, abra a massa do biscoito em uma

superfície enfarinhada na grossura de preferência para seus biscoitos, e então use uma faca ou cortadores de biscoito para cortar os biscoitos no formato desejado. (É muito importante não trabalhar muito a massa, então tente cortar o máximo de formatos possíveis da primeira vez, antes de ter que juntar os retalhos e abrir a massa de novo.)

6 Coloque os biscoitos na assadeira já com o papel manteiga e deixe descansar no freezer por mais 15 minutos, ou até os biscoitos estiverem duros ao toque, e então transfira para outra assadeira, também com papel manteiga, deixando meio centímetro de distância entre cada biscoito.

7 Asse os biscoitos uma forma por vez, por 18 a 23 minutos, ou até os biscoitos ficarem secos ao toque e a parte de baixo estiver começando a dourar.

8 Remova da assadeira e deixe esfriar antes de transferir para o pote onde pretende guardá-los.

Fonte: “Classic Shortbread Cookies” por Cindy Rahe traduzida do site <https://www.simplyrecipes.com/> em dezembro de 2021.



Autoria: Tatiane Lucheis | Edição: Equipe Editorial | Revisão:

Então É Natal



Tati é paulistana, nascida em 1992. É formada em Psicologia e trabalha com Escrita e Produção de Conteúdo. Como boa amante da literatura, é escritora, mas, antes de tudo, uma grande leitora – do tipo que não sai de casa sem ter ao menos um livro em sua companhia. Possui um blog, contos publicados em antologias, e também dá seus pitacos criativos na LAB Conteúdos. Você pode encontrá-la no Instagram @tatianeluheis.

São Paulo, 12 de dezembro de 2021.

Já reparou em como o mês de dezembro pode ser cruel?

As decorações exageradas em cada rua ou vitrine, a melodia repetitiva dentro dos shoppings, as lojas desesperadas para faturar e preços obscenos nas prateleiras do supermercado.

É um absurdo ser lembrado da data a cada esquina. Vejo neve artificial e pinguins com gorrinhos vermelhos enquanto estou suando dentro de um ônibus a caminho do trabalho. Eu não suporto esse estereótipo do Natal invernal, será que ninguém reparou que está fazendo mais de trinta graus lá fora?

Pode rir. Eu sei que você está rindo enquanto lê isso e me imagina curvado sobre a mesa, com os ombros tensos enquanto escrevo. É claro que estou nervoso por escrever uma carta a você. Que tipo de pessoa ainda escreve uma?

Sinto que estou perdendo o foco, voltemos ao que interessa.

Acontece que eu nunca fui chegado a festas, como você bem sabe. Como filho de pais separados, as datas comemorativas costumavam causar mais estresse do que alegria lá em casa.

Mas então eu te conheci e tudo mudou. Dezembro mudou.

Começaram as idas semanais ao shopping, porque você sempre tinha que comprar mais um presente; o amigo secreto da sua família, que eu logo fui incluído; jantares românticos em restaurantes decorados; festas de confraternização com seus amigos do trabalho; e tirar fotos com você em frente a praticamente qualquer árvore de Natal que víamos pelo caminho.

Eu nunca imaginei que me apaixonar por alguém faria com que eu me apaixonasse pelo Natal, mas aconteceu. De repente, os barulhos viraram sons e passaram a fazer sentido pra mim. Eu ficava mais de um mês tentando escolher seu presente e sequer reclamava por pagar um preço exorbitante apenas por causa da data. Passei a ansiar pela chegada do Natal, por saber

que, durante o recesso, teríamos mais tempo juntos.

Eu parecia uma criança esperando a hora de abrir os presentes. Não me importei quando você comprou uma árvore de Natal e bolinhas coloridas para a *minha* casa. Você tinha toda razão, um pouco de cor faria bem ao ambiente. Preciso confessar que sempre gostei das luzes piscando, por isso não achei ruim vê-las espalhadas em minha varanda. Não lembro se te agradei, então, obrigado.

O Natal estava em todos os lugares, assim como você: presente em cada esquina da minha vida. Tivemos lindos Natais, até que você fez as malas e se foi. Eu sei que a proposta de emprego era irrecusável, e vinha junto com seu sonho de morar no exterior. Mas você nem ao menos me consultou, apenas me informou.

Acreditar que um relacionamento à distância funcionaria foi tão ingênuo quanto acreditar no Papai Noel. No fundo eu já esperava aquela ligação, em que você disse, chorando, que não queria mais fazer aquilo. Eu também não, só queria te ter novamente em meus braços, aqui, no calor escaldante do nosso verão.

Os meses passaram e continuo aqui, suando em meio a toda essa neve artificial, enquanto você finalmente terá um Natal com bonecos de neve. Dessa vez, nosso passeio para ver a decoração da vizinhança será separado por muitos e muitos quilômetros. E eu não sei o que fazer com meu espírito natalino, sem ter você para dividir os presentes, os preparativos, a ceia.

Decidi que vou passar na casa da minha mãe e de seu marido, já que meu pai continua não dando a mínima para o Natal – ou para nada. Ela está feliz com minha mudança, adorou a caixa de enfeites que eu levei para a casa dela.

No dia 24, à meia-noite, quando todos estiverem comemorando a união e o amor que o Natal proporciona, eu estarei pensando em ti, e em como você transformou minha vida, com todo seu brilho e alegria. Para mim, o Natal sempre carregará a lembrança dos nossos dias mais felizes.

Feliz Natal, meu amor.

Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes
Vitor Teixeira

Autoras Selecionadas

Ana Ferreira
Duh
Helena Guimarães
Isabella Costa
Paola Nichele
Thiago Ambrósio Lage

Fotos

Jonathan Borba | @jonathansborba
Arthur Brognoli @arthurbrog-noli
NastyaSensei | @nastya_sens_

Olga Kobruvesa | @inspire-dbyfilmpresets

Jonathan Borba | @jonathansborba

Brett Sayles | @dpopbes

Apoiadores

Benjamim Franco
Barbara Lima Morais
Camila Cristina Fracalossi
Daniele Ferreira
Elizabeth Fortunatti
Lucas Eiji Kong Fukue
Nicole Alcântara Botelho
Velani Diz
Willian Miyasaka

Antigos Apoiadores

Daniela Ferreira
Di Toledo

Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.


Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 www.revistamacadoamor.com

 [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)

